

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - DHG

***Prática de Ensino:
"Novas Perspectivas"***

Trabalho apresentado no final do curso de licenciatura em história pela aluna Valéria Vilma Ferreira de Almeida, orientado pela professora Eronides Câmara Donato.

Campina Grande, Setembro 1996.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

ÍNDICE

	Pág.
Agradecimentos.....	03
Dedicatória.....	05
Introdução.....	06
Capítulo I - Uma nova Escola: Um novo Horizonte.....	08
Capítulo II - Ensino de história: Uma experiência “Diferente”.....	17
Capítulo III - Como é possível pensar a história a parti da narrativa.....	24
Considerações Finais.....	27
Anexos.....	29
Bibliografia.....	81

AGRADECIMENTOS:

À DEUS,

Senhor, se hoje consegui chegar até aqui é porque vós permitistes e quiseste trilhar este caminho. Que a tua grandeza e misericórdia seja a essência de toda a trajetória, para que eu consiga verdadeiramente ser um instrumento de vossas mãos.

Me deste sabedoria para aprender discernir, coragem para lutar e perseverança para vencer.

Obrigado por ser o que sou.

A minha mãe e meus filhos

Sem dúvida, vocês foram os principais responsáveis pela realização deste meu sonho. Agradeço a força, o incentivo, a paciência e a compreensão que me deram para chegar até aqui.

Ao meu pai ausente

“Amigo, que participou de meus momentos, que compreendeu meus sofrimentos, que entendeu meus erros, e os perdoou.

Que me fez sentir amada desenvolvendo a minha autoestima.

E, sentimento de amor ao próximo.

Que me ensinou o que sou. E, a seguir em frente que por amor abdicou um pouco dos meus sonhos, para sonhar os meus e torná-los possíveis.

Que muitas vezes despertou dos meus lábios de um sorriso.

Que me abençoou com ternura da sua presença.

Dos teus ensinamentos e carinhos.
Que com tua força e serenidade serviu como alicerce para
minha vida.
E ponte para o futuro.
Que deu o melhor de si, sem nada cobrar
Que partiu, pois Deus o chamou. Mas que ficou em cada um
dos seus.
Que me fez sentir orgulho do teu exemplo de vida e da pureza
da tua alma. E que sempre esteve ao meu lado.
E, Hoje e sempre estará no coração dos que te amam.
Meu pai, meu único e grande amigo
Sou semente de sua horta
E até sou eternamente grata.”

Aos meus amigos, mestre e especialmente a minha orientadora
Eronides Câmara Donato.

“Há homens que lutam um dia e são Bons..
Há outros que lutam um ano e São melhores.
Há aqueles que lutam muitos anos e são muitos bons
Há contudo os que lutam toda vida
Este são os imprescindíveis.”

Assim como vocês, obrigada pela confiança e apoio.

DEDICATÓRIA

AOS COLEGAS

Ana Carla, Glória, Ricardo, Luciano e Guia.

“Mudaram as estações
Nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim tão diferente
Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o “pra sempre” sempre acaba
Mas nada vai conseguir mudar o que ficou”.

(Legião Urbana.)

INTRODUÇÃO

“Em toda a ciência o difícil é o começo”.

(Karl Marx)

Este relatório apresenta o trabalho desenvolvido na Prática de Ensino, neste Período 96.1. Diferente do semestre anterior, consideramos as experiências obtidas bastante gratificante, pois nos primeiros dias de aula do semestre letivo passamos a ministrar de imediato as aulas no primeiro grau, nas 5ª série. Onde atuamos como professor regente, visto que estas turmas estavam sem professores de História. E isto foi bastante válido, para nós, porque nos possibilitou mais liberdade para alaborar nossos planejamentos, bem como tivemos em nossas mãos uma grande responsabilidade para aplicar as avaliações do processo ensino - aprendizado.

Mas, infelizmente no 2º grau as experiências foram diferentes, isto porque não foi possível ministrar as aulas da mesma forma que a anterior já citado, devido exigências da própria escola.

Assim, esse relatório tem por objetivo tentar mostrar a importância do Estágio Supervisionado, como também da Prática de Ensino para orientar profissionais.

Portanto, o presente relatório está dividido em três capítulos que enserem os seguintes itens. No primeiro capítulo denominado de “Uma Nova Escola: Um Novo Horizonte”; procura mostrar para o leitor como ocorreu todo o processo de formação daquele Estabelecimento Escolar a partir de um conjunto de Integração entre os moradores daquele bairro e de pessoas amigas.

Enquanto que no Segundo Capítulo, “O Ensino de História: Uma Experiência Diferente”, procura relatar de forma sintética como se desenvolve nossas Experiências no Estágio Supervisionado.

“Como pensar História a partir da Narrativa?”. Este capítulo enfatiza a forma diferente de se trabalhar com a disciplina História a partir da “Fantasia”.

CAPÍTULO I

Uma nova Escola: Um novo Horizonte

“Dificuldades reais podemos ser resolvidas; apenas as imaginárias são insuperáveis”.

(Theodoro N. Vail)

Uma nova Escola: Um novo Horizonte

Ao término do curso chegamos a parte mais importante, que é a Prática de Ensino. No qual sobre a orientação da professora coordenadora do Estágio Supervisionado, Eronides Câmara Donato, colocaremos em ação o conhecimento teórico, que nos foi transmitido no decorrer do curso, principalmente nas duas disciplinas fundamentais para realização profissional, que é Metodologia e Prática de Ensino. Embora estamos ciente de que este aprendizado será poucos aperfeiçoados no dia - a - dia em sala de aula.

No semestre anterior os alunos só tinham contato com a realidade educacional, no final do semestre, em que eram ministrados um certo número de aulas para o 1^o e 2^o graus, de cada série escolhida pelo próprio estagiário. No qual essas aulas serviriam, para “avaliar” as potencialidade profissionais de cada aluno. Além disso, os da própria universidade, através de mini - cursos destinados aos alunos que iriam submeter-se as provas do vestibular. E este procedimento muitas vezes deixava os alunos “desvarteados” sem saber como enfrentar certas situações que apareciam diante os estágio.

Portanto, avaliando os pontos positivos e negativos dos semestre anteriores, este semestre 96.1, possibilitou na Prática de Ensino muitas inovações, mas isso não veio do nada, a responsável por esse trabalho dinâmico foi a professora Eronides que teve como objetivo, proporcionar aos seus alunos um melhor contato com a verdadeira realidade de uma sala de aula, não apenas o espaço; professor - ensino - aprendizagem.

Esta proposta de trabalho em grupo foi acatado unanimemente por todos nós, pois consideramos de grande importância para a concretização nossos objetivos enquanto aluno da prática.

De imediato, começamos nos primeiros dias de aula do semestre, ministrando nossas aulas onde mantivemos contato direto com uma realidade que até então ainda não havia sido explorado embora alguns de nós já tivessem experiências, isso não quer dizer que no início não houve problemas, ao contrário, as dificuldades apresentadas, ajudaram bastante, para enriquecer a nossa - autoconfiança e inovou o nosso pouco conhecimento.

As experiências que tivemos no 1º grau consideramos como a mais proveitosa, porque passamos mais tempo, (cerca de três meses) no Estadual de Bodocongó e desenvolvemos um trabalho mais dinâmicos. Enquanto, que infelizmente no 2º grau não possamos dizer que tenha sido do mesmo jeito, visto que, ministramos as aulas num período, de seis aulas devido as normas da Escola Estadual da Prata. Impedindo assim que nosso estágio prolongasse por mais tempo. (1)

Dessa forma, concluímos que a Prática de Ensino do Estágio Supervisionado no final do curso é essencial, além de ser muito importante para que os profissionais possam adquirir um melhor conhecimento da verdadeira realidade educacional haja visto, ser esta realidade diferente da imagem que dela fazemos.. Isto decorrente dos inúmeros problemas que desde algum tempo vem assolando a educação, agravando mais ainda nos nossos dias atuais .

“ Entre estes agravantes está o chamado “fracasso escolar”. Segundo a professora M^a Helena foi feito uma pesquisa de ensino, principalmente nas Escolas públicas, de São Paulo para investigar como se processo o ensino - aprendizagem. O resultado desse processo foi definindo-se da seguinte maneira: “deficiente, diferente ou mal trabalhado? (2)

Segundo os estudiosos que participaram dessa pesquisa, a única explicação viável para “o fracasso escolar”, são as condições de trabalhos que são oferecidas. Os que possivelmente “escapar”, são os professores e alunos das escolas privadas, o que não ocorre com os professores e alunos das escolas públicas. Eles tem sua versão própria para explicar o fracasso.

No caso dos professores, elas alegam as péssimas condições de trabalho (salário baixo, Falta de materiais didáticos, espaços físicos das salas de aulas às vezes são inadequadas, etc.). Dessa forma, formula-se um grande descaso e uma falta de compromisso com a educação, por parte de alguns professores. Em contra partida os alunos diante de situação ficam desestimulados para estudar e ao mesmo tempo reclamam da relação entre

(1) Projeto de Ensino, voltado para a preparação do vestibular, com conteúdos direcionados.

(2) Texto retirado de uma palestra proferida pela pedagoga Maria Helena Souza Paho, em São Paulo, 1985.

professores e alunos , onde o primeiro aparece em muitos casos como o “ dono do saber”, enquanto o segundo, um mero “espectador” desse saber. A ordem, o silêncio e a obediência devem reinar numa “boa escola”.

A escola, por sua vez tem contribuído na produção desse fracasso, uma vez que, a mesma não tem oferecido meios para uma melhor formação e mais valorização profissional, sem esquecer também do grande número de ‘evasão escolar’. Haja visto, que no dia - a - dia os alunos abandonam a escola, devido as próprias pressões externas (mudanças contínuas, horário do trabalho, etc.). A escola cada vez mais vai distanciando-se da sua clientela. Percebemos também que no decorrer dos Estágios Supervisionados as dificuldades que os estagiários enfrentam, começa a partir da própria desvalorização do mesmo,...onde muitas vezes o seu “saber” é colocado em dúvida. O mesmo passa acontecer com os alunos, que também ficam duvidosos com o ensino-apredizagem transmitindo pelos professores estagiários. Em alguns casos faltam até com respeito, ignorando por completo sua presença em sala de aula.

Outra dificuldade ocorre no campo de estágio, onde às vezes torna-se restrito, devido algumas escolas se negaram a aceitar a presença dos professores estagiários. E quando aceitam restringem mais ainda, através das normas estabelecidas pela direção da escola, cujo o professor estagiário fica com pouca liberdade, ou quase nada para desenvolver um “bom” trabalho no ensino-apredizagem . Ficando completamente “amarrado” ao conteúdo programático, desenvolvido pela escola e ministro pelo professor regente.

Mas se analisar-mos a questão por outro ângulo, veremos que as Escolas, de certa forma tem razão, porque ninguém gosta que um estranho entre em sua casa, “revire suas vida de pernas pro ar”, desfazendo o que já estava feito há muito tempo e quebrando uma rotina na qual já se está acostumado, onde passando apenas uma ‘chuva de verão’ e depois indo embora de uma hora para outra. O mesmo ocorre na relação Escola-Estagiário. Além do mais a própria Universidade tem contribuído para esse ponto negativo, uma vez que fica claro que existe uma grande falta de interação entre a Universidade e o campo de estágio. Isso porque aquela instituição se fechou criando uma certa distância onde a comunidade local, não se sente parte da mesma, é como se não reciprocidade uma reciprocidade entre comunidade e a Universidade.

Dessa forma, a Universidade vai “usando e abusando”, da comunidade sempre esquecendo do seu verdadeiro compromisso para com a mesma deixando-a em segundo plano. Dessa maneira ela vai jogando seus profissionais num campo de estágio, que ela desconhece a realidade. E só torna lembrá-la, quando precisa.

Nesta perspectiva de contato direto com à realidade educacional, o Estágio Supervisionado passa por duas fases: a primeira é desenvolvida de imediato, através da atuação dos estagiários em sala de aula através das as orientações recebidas. Tentamos atender as expectativas dos estágios, colocando em prática “toda” ou “quase toda”, nossa habilidade profissional, através das programações das aulas, no qual cada aluno estagiário tem sua forma diferente de metodologia, procurando oferecer uma parcela de contribuição na aprendizagem, como também, adquirir novos conhecimentos e experiências que vai influenciar de certa forma positiva na nossa vida profissional. Na segunda fase do Estágio Supervisionado foi feito um mapeamento completo do quadro funcional da Escola de 1^a e 2^a Graus Ademar Veloso da Silveira.

Todas as informações desse mapeamento, foram pesquisadas no livro da escola (3), de onde tiramos abordagens importantes, desde a sua fundação até os dias atuais. Dessa forma, percebemos com clareza, que a escola surgiu através de um levantamento feito por uma estagiária de Serviço, Dione F. dos Santos, que teve a curiosidade e o interesse de saber qual era a maior necessidade daquela comunidade. Onde ficou constatado que a comunidade necessitava com urgência de uma Escola Secundarista, que atendesse as carências educacionais daquele bairro, além das localidades vizinhas. Isso porque, os alunos precisavam deslocar-se para estudar nas escolas do centro da cidade.

Essa reivindicação foi apoiado pela Sociedade de Amigos de Bairros (SAB) e diretores das Escolas Estaduais da Prata e Liberdade. Estes últimos recebiam um grande número dessa clientela estudantil. Esses grupos fizeram várias reuniões para tentar solucionar o problema, e decidiram pela criação de ‘Sucursais’. (4)

(3) SOUSA, Walba Luiz Freire de “Estadual de Bodocongó” Uma Fonte de Saber: 1965-1995. 4- Espécie de Escola Filial de Estadual de Campina Grande - (Estadual da Prata).

Portanto, fizeram um “mutirão” para efetuar a obra, para a qual foram doadas vários recursos: o espaço físico (Igreja St^a Rita); corpo docente administrativo, materiais, didáticos (Estado); ampliação do Grupo Escolar Francisco Manuel da Mota (Industria Local).

No decorrer do ano de 1996, foi inaugurando a nova surursal, que iniciou suas atividades com 127 alunos matriculados, divididos em 4 turmas da 1^a a 3^a série. Foram abertas as matrículas para o exame de admissão à 1^a série. Dentre os 53 escritos, apenas 19 foram aprovados.

Assim, o Grupo Escolar Francisco Manuel da Mota, sob a direção de Raimundo Gadelha, funcionava com suas instalações precárias, mas procurava melhorar as necessidades do setor estudantil do bairro. Eram oferecidos devido ao espaço um restrito número de vagas.

Devido a grande procura por vagas, a Escola Santa Rita, passou a trabalhar de forma integrada com o grupo, oferecendo mais salas de aulas, e os alunos que trabalhavam foram beneficiados.

Com isso houve uma divisão na séries por turnos, no qual dos 357 alunos três turmas permaneciam no grupo MANOEL DA MOTA durante o período da tarde. Enquanto o restante transferiram-se para a Escola Santa Rita, no turno da noite. Houve um aumento do quadro funcional, englobando 12 professores, 11 funcionários e 259 alunos matriculados.

Para motivar os alunos na participação das atividades escolares, foi inaugurado o Grêmio Estudantil “Francisco Manuel da Mota”, que foi batizado com este nome, em homenagem ao industrial Manuel da Mota.

O panorama da escola, começa a modificar a partir da doação do terreno de Estado, para a construção de um prédio próprio do colégio.

Depois de três anos de funcionamento, finalmente 16 a escola, tornava-se independente, autônoma, funcionando com o mesmo quadro docente e administrativo (ver anexo nº 1).

(4) Espécie de Escola Filial, do Estadual de Campina Grande (Estadual da Prata).

E a partir de 1970, já funcionando em instalação nova, a escola procura dentro de suas perspectivas atender as necessidades da comunidade estudantil no qual são oferecidos um número maior de vagas, onde a escola passa a funcionar nos três horários (manhã, tarde e noite), com capacidade de absorção de 1200 alunos.

A escola procura oferecer um padrão de ensino de “boa qualidade” aos seus alunos, através de sua biblioteca equipada com livros didáticos, dicionários, enciclopédias Barsa entre outros. Além disso, procura reforça a aprendizagem com auxílios de departamentos das seguintes disciplinas: português, matemática, ciências, estudos sociais e educação física.

Eram oferecidos também atendimento odontológico, sob a orientação dos dentistas: Francisco Juná e Claudino Pereira.

Os alunos também participavam das atividades estudantis, que eram oferecidos pelo Grêmio Estudantil e pelo Centro Cívico “Duque de Caxias”, que tinha à frente das organizações das atividades um aluno da 7ª série.

Segundo os registros da escola, podemos perceber que durante o regime militar, a Escola funcionava de acordo com as normas do período, no qual havia uma estrutura rigorosa nos moldes educacionais da época, que promovendo uma educação voltada para atender as expectativas militares.

Portanto, o discurso triunfal dos grandes programas político do Brasil, nas décadas de 60 e 70, centrava-se na questão do “desenvolvimento” e o “nacionalismo”. E essa proposta de crescimento econômico, englobava também a educação. No qual era o caminho mais viável para a preparação de uma mão-de-obra mais qualificada, que atendessem o projeto econômico brasileiro. Visando, a valorização do trabalho, o Governo Federal, implantou um programa de Reforma de ensino brasileiro, promovendo uma educação gratuita e obrigatória nas escolas primárias, secundárias e normais. Assim a reforma no ensino aprimorou as bases do ensino pré-vocacional destinados “as classes menos favorecidas”. (5) Assim, as grandes curriculares procurava atender as expectativas da Reforma do Ensino, onde as disciplinas básicas passariam para o núcleo - comum, desenvolvendo atividades diversificadas voltadas para atender as necessidades dos alunos, proporcionando meios concretos, direcionados aos objetivos da escola e das diferenças individuais do educando.

Desse modo não nenhuma intenção de padronizar os currículos, apenas limitá-los, exigindo o mínimo indispensável para a formação cultural básica dos alunos. Estivessem eles ou não, Vinculados ao ensino secundário, profissionalizante, comercial, (SENAI, SENAC e SESI) ou Superior (6).

Trabalhando sempre nestas perspectivas em promover intensivos educacionais, a escola implanta Complexos (7) aprovados pelo Secretário de Educação e Cultura, com a finalidade de atender a clientela estudantil das seguintes escolas: Integrado do Monte Santo, Grupo Escolar Francisco Manuel da Mota, além do próprio Estadual de Bodocongó. No qual era promovido um conjunto escolar de nível primário e ginásial, portanto, os programas curriculares eram integrados entre essas escola, facilitando o ingresso dos alunos em série posteriores. Objetivando o “bom” funcionamento técnico - pedagógico das escolas.

Agora funcionando como escola de 1^o e 2^o Graus, no ano de 1973, a oficina da escola que durante quatro longos anos esteve desativada, passar a funcionar oferecendo uma preparação profissionalizante aos alunos, que poderiam apta seguintes funções: tipografia, marcenaria.

Além disso, a parte cultural, desenvolvia-se através do Centro de Artes “Jorge Miranda” promovendo peças teatrais. Os alunos também podia dispor do programa de Educação Integrado à Arte, que oferece diversos cursos como: artesanato na comunidade, onde os alunos da 6^a série, desenvolvia atividades no setor do couro, boneca de pano e violeiro, funcionando nos três turnos.

Em 1979, é implantando o *sistema de merenda escolar*, que durante seus longos anos vinha sendo solicitado.

A escola também oferece atividades sócio-cultural, esportivas, que desde a fundação da escola é coordenada pelo pessoal de apoio, professores, alunos e alunos técnicos. Eram organizados as diversas comemorações escolares: festas juninas, rainha do milho e do colégio, confraternizações, etc...

(5) WEREBE, Maria José Garcia 30 anos depois; Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil no Brasil parágrafo 1^o, pág. 57.

(6) WEREBE, op. cit. 58.

(7) Conjunto de Integração entre as Escolas Estaduais de Bodocongó e Monte Santo.

Fazia parte do quadro cultural da escola, a *Banda Marcial*, que abrilhantava a escola nos desfiles do 7 de setembro.

No decorrer dos anos posteriores a escola vai gradativamente modificando suas estruturas. Embora algumas conquistas estão desativadas por falta de verbas da política educacional de nosso país.

CAPÍTULO II

O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA DIFERENTE

**“jamais se desperte em meio às mas sombrias aflições de sua
vida, pois das nuvens negras cai água límpida e fecundo”**

(Provérbio Chinês).

UMA EXPERIÊNCIA “DIFERENTE”

“Na história da educação escolar, nós sabemos que os professores tem sido de forma diferentes; como “sábios” que transmitiam para as novas gerações os saberes acumulados, como técnicos na “aplicação” de procedimentos de ensino e como “mediadores” de conhecimento, em situações de aprendizagem. As escolas definiram, criaram, modificaram e passaram a utilizar diferentes métodos, recursos, que promovesse um intercâmbio entre professor, planejamento e conteúdo programático e metodologia”. (8)

Pois bem. Foi nessa perspectiva de mudança, foi que descobrimos que o programa de ensino que iríamos planejar, não poderia de certa forma circunscrever, a priori aos conteúdos registrados nos livros didático. Ou seja, não poderíamos mudar os conteúdos que já estavam selecionados para estudo. Mas poderíamos acrescentar a esses conteúdos, novos materiais de apoio que nos ajudasse a inovar nossas aulas já que tínhamos uma proposta diferente, para ser trabalhada em sala de aula, que seria de acordo com a metodologia escolhida. Sendo assim, procuramos demestificar a noção de que o professor é o “centro do saber”, oferecendo ao aluno possibilidades de despertar suas potencialidade criada, através de um “possível” conhecimento organizado e crítico que fossem cai dizer com a realidade. Embora tínhamos plena consciência de que este processo inovador no ensino-aprendizagem estava inserido no nível de “senso comum”, e que de certa forma seria fragmentada, e parcial, devido tratar-se de um trabalho de curto período, no qual passaria para o “rol dos arquivos” isto é, não dão continuidade a essa inovação e neste caso por se tratar de um trabalho desenvolvido por estagiário, onde na maioria das vezes são anuladas pelos professores regentes que não dão aprendizagem desenvolvida com os alunos serram nulos, onde eles voltariam para sua antigas “funções”. “*Meros espectadores*” não participativos, mas sim “acumuladores de conhecimento”.

Com isso queríamos sair das aulas tradicionais de História, chapas, cansativas e monótonas proporcionando ao aluno um “pensar crítico”, por mais simples que fosse.

Sabíamos que não é fácil, principalmente tratando-se de turmas de 5ª série pois suas experiências com a história estava iniciando neste

(8) Texto retirado da revista do MEC. TV ESCOLA.

“pensar crítico”, através de um simples questionamento. Assim cada estagiário(a) procurava elaborar seu plano de aula, partindo do contexto de sua metodologia, que variava desde de uma aula expositiva dialogada ou dramatizada à narrativa.

Vale salientar que durante o estágio todas essas experiências vivenciadas por nós, foi bastante gratificante, principalmente o que diz respeito ao 1º grau, pois tivemos mais tempo disponível para efetivação das aulas.

A cada aula planejada ministrada, procuramos “casá-la” com os objetivos propostos nos planos de ensino e aula, procurando relacioná-lo com a realidade educacional de cada aluno. Neste contexto, estávamos ciente de que a nossa tarefa seria “árdua e trabalhosa”, que sempre nos desafiava como professor, para inovar, cair, mudar e adquirir novas técnicas de aprendizagem de ensino.

A- O Planejamento:

Consideramos esta a mais importante dos momentos de preparação das aulas. Isto porque é através de um “bom” planejamento que ocorre o sucesso da aula programa. Mas vale salientar que nem sempre a aula que foi planejada consegue alcançar o objetivo proposto ou satisfatório ao professor e aluno. Às vezes ocorre ao contrário do planejamento, no qual o professor e aluno conduzem à aula para outro “estilo” que se adapte ao seu contexto.

Estamos ciente de que o planejamento é o único caminho viável, para construção de uma aula dinâmica, mesmo que seja “readaptada”, ou seja mudanças na aula planejada.

Seguindo Karl Mannheim, existe uma relação ambígua entre o planejamento social e a educação. Devido que ambos estão interligados no contexto do controle e da organização, seja numa sociedade ou numa escola, evitando os contra tempos. Embora seja preciso que haja um conhecimento real das bases estruturais, pois se não houver este prévio conhecimento, não se pode atingir um objetivo completo. (9)

MANNHEIN, Karl - Teorias da Sociologia do Conhecimento; Sociedade, Educação e Escola.

No entanto, sabe-se que conhecer corretamente a vida social é por sua vez algo absolutamente difícil. Isso porque em sua maioria, os indivíduos não estão capacitados. O mesmo ocorre no processo ensino-aprendizagem. É necessário que haja uma integração conjunto por disciplina entre os professores no momento do planejamento. Portanto, baseado nesta relação de ambiguidade, procuramos reabilizar as necessidades de integração que encontramos foi justamente esta integração, que conseguimos formular em nosso planejamento, desde a escolha dos livros didáticos, das aulas ministradas, dos recursos didáticos, até outras atividades que estivessem englobadas em nossa metodologia.

Apenas no planejamento dos planos de ensino, e de aula, (ver anexo 2) no que se refere aos objetivos dos planos, e metodologia, é que saímos do processo de integração, porque cada professor tem a sua maneira própria de comunicação, ou seja, seu método próprio de ministrar sua aula. Sem esquecer também da produção dos textos, que seriam usados nas aulas (ver anexo 3).

B- A Avaliação:

“Como sabemos, a verdadeira avaliação do processo ensino-aprendizagem, consiste na auto-avaliação ou na avaliação mútua e permanente da prática educativa dos professores e alunos. Neste processo de avaliação tanto o professor como o alunos, saberão quais são as suas dificuldades e seus progressos” (10).

Com base neste processo de Avaliação já citada, segundo MIZUKAMI, preferimos optar por uma avaliação contínua. Embora, sabíamos que precisaríamos de um trabalho mais prolongado com os alunos. Mesmo assim colocamos em ação nossos objetivos, levando em considerações. A dinamica dos alunos atividades propostas. E isso ocorreu em versões diferentes: na primeira versão pedimos aos alunos que contivessem pequenos texto, a partir do conteúdo programado.

Sentimos que a nossa orientação não foi suficiente e os trabalhos não obtiveram grandes êxitos. Uma vez que, os alunos não estavam acostumado a trabalhar desta maneira. Apenas fizeram “meras” cópias dos livros didáticos.

(10) MIZUAMI, Mª da Graça Nicoletti - Ensino; as abordagens do Processo Ensino Aprendizagens e o Professor: caps. 05 e 06.

Portanto, na segunda versão da avaliação, consideramos as dificuldades dos alunos em produzirem textos. Dessa forma orientamos mais, mostrando a diferença entre uma “cópia” e uma “produção”. E a partir desta orientação pedimos a eles produzirem outros textos, partido do entendimento do conteúdo.

Dessa vez sentimos que foi mais positivo o trabalho, embora ainda havia um pouco de “deficiência”, nas produções. Mas o importante, foi que conseguiram através de seu entendimento e com sua próprias palavras construir pequenos textos o que antes eles não faziam.

C- A metodologia:

Esta fase ficou diversificada, isto é cada estagiário escolhia seu próprio método de programar e ministrar suas aulas, partindo do conteúdo programático.

Foi bastante interessante, porque descobrimos que poderíamos dinamizar nossas aulas, sem fugir do conteúdo de história, chamando a atenção de aluno nos questionamento. Até a aula narrativa foi implantada, uma experiência inovadora, na qual o conteúdo foi transplantado para um texto narrativa, sem fugir do contexto histórico. Embora é necessário além da narrativa, uma aula expositiva como complemento, no que vai ajudar por sua vez o aluno ter uma melhor compreensão e participação das aulas.

Além disso, fizemos também uma *Oficina de História*, com o propósito de expor para os demais alunos e professores da escola, todo o nosso processo metodológico usado em sala de aula. Como também, as atividades que serviram de avaliação produzidas pelos próprios alunos das 5^a séries. Apesar de todo o nosso empenho, percebemos que o nosso objetivo dessa oficina de certa forma não foi atingido por completo, devido ao “descaso” que houve, por parte dos outros professores e da própria direção, ou seja, não prestigiaram o evento.

Completando o quadro das experiências, atuamos também no 2^o grau, no Colégio Estadual da Prata onde verificamos que houve grande diferenças entre o Colégio do 1^o grau. Isto porque no 2^o grau, não tivemos o mesmo espaço de tempo que o anterior já citado, devido as circunstâncias que foram propostas pelo próprio colégio que não cediam mais de seis aulas aos estagiários. Isto porque não podia “atropelar” as regras administrativas

do mesmo, devido ao projeto de ensino, que os professores do colégio participam.

Ministramos nossas aulas 3^o científico, nas disciplinas História do Brasil e Geral, que foram divididas entre nós. Contávamos sempre com a presença da professora regente em nossas aulas, tivemos liberdade para construir os textos didáticos, ministrar nossas aulas de acordo com nossas metodologia, embora havia uma certa limitação do conteúdo, isto é, o que era mas “interessante” ser aprofundado em sala de aula.

No que se refere e Historicidade da Escola, esta não tivemos acesso, devido a imposição da própria direção da escola. Apenas tivemos acesso a algumas informações restritas através de uma entrevista com o diretor da escola. (ver anexo 4)

Finalmente esta primeira parte das experiência, vale a pena registrar que pela primeira vez os alunos da Prática de Ensino das Licenciaturas do CH realizaram nos dias 14 e 14/ 08 do corrente ano I Encontro das Práticas de Ensino do CH sob a coordenação dos Orientadores da Prática de Ensino, professora Eronides Câmara Donato; professor José Luiz Ferreira e a professora Silvia Roberta da Motta Rocha (pedagogia) e com a participação especial dos alunos dos três cursos: Pedagogia, História e Ciências Sociais.

O Encontro teve como objetivos provocar a interação entre professores e alunos das Práticas de Ensino das Licenciaturas do CH; (2). promover discussões relativas as Problemáticas emergências da Prática de Ensino das Licenciaturas do CH; (3) e impulsionar o processo de reformulação das Práticas de Ensino.

No decorrer do encontro foram apresentados para os presentes, as experiências das Prática de Ensino, pelos próprios professores dos diferentes cursos. Era o momento de troca das experiência entre professores, sem que cada um dava sua parcela de contribuição e apresentaram propostas de inovações para Prática de Ensino nos próximos períodos. Cada professor procurava mostrar a problemática existente que dificultava o “progresso” das práticas.

Em seguida houve a apresentação pelos alunos da Prática, no qual cada aluno tinha a sua abordagem pessoal, de suas experiências, as temáticas foram as seguintes: (1) - Técnicas de Ensino: aula expositiva; (2) - Planejamento: uso do livro didático; (3) - Projeto de Estudos Integrados:

uma sugestão para o planejamento em séries iniciais; (4) - Narrativa Histórica e Avaliação; (5) - Rescrita Coletiva de texto narrativo; Relação Ensino aprendizagem; Organização do espaço na sala de aula e sua relação com a mediação pedagógica; Síntese de uma experiências.

Como avaliação final do Encontro houve um debate geral, entre os participantes, cujos a discussão dos grupos partia das seguintes temáticas: Relação teórico-prática; universidade X campo de Estágio e Relatórios.

Vale salientar, que cada participante dava a sua opinião, e ao mesmo tempo lançava propostas que buscassem caminhos para “melhorar” ou “diminuir” os agravantes da Prática de Ensino.

Entre as problemáticas, ficou constado que deveria repensar a relação entre teoria e a Prática de Ensino; além do mais, foi constatado que falta mais interação entre os cursos do CH, e as metodologias aplicados na prática, e que deveriam ajudar os alunos, não só na parte teórica, mais também na escrita, isto é, na produção dos relatórios, este que no final dos Estágios e obrigatório sua efetivação. E também é a parte que os alunos se sente com muitas dúvidas, sem saber como concretizar suas idéias, sem deixar de forma descritiva.

Percebe-se também que a Universidade precisa passar por uma reformulação, ou seja, deve existir mais interação entre a mesma e o campo de estágio. Isso porque a universidade joga seus alunos estagiários no campo de estágio sempre “chegando por cima”, sem conhecer a realidade da comunidade no qual faz parte.

CAPÍTULO III

O ENSINO DE HISTÓRIA: COMO É POSSÍVEL PENSAR A HISTÓRIA A PARTIR DA NARRATIVA?

**“A história dos grandes acontecimentos do mundo não é
mais do que a história dos seus crimes”.**

(Voltaire)

“Como é possível pensar a História a partir da Narrativa”?

Nesta segunda fase das experiências da Prática de Ensino ressaltaremos a questão da Narrativa que utilizamos como forma metodológica.

A partir do conteúdo programático, os textos narrativos eram produzidos, sem fugir do seu contexto histórico.

Portanto, como em todo processo básico aprendizagem tem problemas, a aula narrativa não foge a essa regra. Percebemos que somente a narrativa, tornava a aula enfadonha da mesma forma de uma aula expositiva tradicional. Sendo assim que isso não corresse, englobamos também para complemento-la, a aula expositiva dialogada, no qual percebemos que o resultado teve mais êxito. Os alunos além de prestarem atenção, participavam e compreendia melhor o conteúdo.

“Em diferentes atividades escolares, os alunos se defrontam com textos narrativos. Isso se dá em atividades que envolvem o aprendizado de conteúdos de literatura, ou em leitura relacionadas à aprendizagem de outros conteúdos.

A dificuldade que os alunos constroem para lidar com esses textos, para se relacionar com seu significado, decorre das oportunidades que encontram de realizar atividades em que sejam convidados a ler e produzir textos narrativos.

É comum professores e alunos pensarem que o talento para a escrita é privilégio de poucos eleitos, o que muitas vezes diminui seu empenho em escrever.

A idéia da inspiração, tão valorizada na época do romantismo, pode inibir a criação em classe. Sempre tem-se a desculpa de “falta de idéias” ou aquele não teve inspiração”, como se as idéias tivessem vontade própria e escolhessem os autores que as deveriam aguardar passivamente.” (11)

(II.) Textos retirados da Revista Educativa do MEC: Escola na TV.

Ora, a escrita, com qualquer outra habilidade é também fruto de um processo de aprendizado.

Para andar de bicicleta, montar a cavalo, dirigir automóveis, tocar violão é necessário um pesado de prática e treino. É necessário conhecer as regras do jogo. O mesmo acontece a narrativa.

O professor deve ter em mente que é preciso conquistar o prazer da escrita e que isso é feito de um processo que deve ser externamente enriquecedor.

Segundo os estudiosos do processo de criação artística, a idéia original a famosa inspiração é apenas um momento do ato criativo. Dessa forma, todos temos inspiração de muitas coisas em vários instantes de um mesmo dia. Portanto cabe ao professor aproveitar esses momentos de inspiração, colocando todo o seu processo emotivo para sua produção narrativa.

Deve-se salientar que o professor que trabalha com a narrativa, incorpora diversos papéis, além do habitual. Ele será ao mesmo tempo escrito narrador, personagens. Por isso é importante que ele esteja ciente de que a narrativa é de certa forma um jogo, com seus códigos, regras e supressa, ao qual cada gênero literário tem características próprias que podem ser exploradas tanto no ponto de vista semântico, estudando seus significados, ou oferecendo uma nova “brincadeira” que nos permita dar margens imaginárias ao conteúdo estudado.

Vale salientar, que a História narrativa desde do século XVIII e iniciado século XIX, o herói já narrava, pois a narrativa era vista como uma arte. E não havia nenhum problema, pois ela fazia parte de uma vocação individual do homem.

Quando surgir a preocupação em definir a cientificidade da história, a História Narrativa começa a ser problematizada, onde a história passa a narra os fatos de acordo com o seu tempo, sem fugir do contexto histórico, havendo uma separação da História da Narrativa.

E a partir do século XX, ocorre o retomada narrativa através das Escolas dos Anais, onde a história Marxista passa a conceituar a História de forma política através de seus modelos (1º elemento: Narrativa e Empesta 2º elemento: Narrativa/ ação histórica 3º elemento: Narrativa e a própria forma de narra em História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pequenos atos que se executam melhores
são melhores que todos aqueles grandes
que apenas se planejam.

(George C. Marshall)

O período de estágio 96.1, foi bastante válido e gratificante para mim, pois tive a oportunidade de fazer parte de um trabalho em grupo dinâmico, no qual havia reciprocidade muito forte entre os membros participantes do estágio. Além de ter oferecido a oportunidades de ministrar aulas nas 5^ª séries e 3^º ano, conhecendo desta forma práticas de ensino diferentes, no início senti receio apesar de já ter experiência em sala de aula. Felizmente pude contar com a competência de minha supervisora, que de forma atenciosa me ajudou bastante, geralmente mostrando minhas falhas ajudando-me a corrigir-las.

Referente ao relacionamento com os alunos e professores das turmas que atuei como regente foram bastante amigáveis, isto foi um ponto positivo a mais no estágio.

Concluo que o curto período que atuei como regente, pude participar ativamente em sala de aula, procurei sempre atender as expectativas das turmas. O resultado foi satisfatório, pois confirmaram as minhas expectativas profissionais. Apesar de ser uma profissão desvalorizada por parte dos poderes públicos, ou privadas e as vezes próprios colegas, contudo me identifico e gosto da mesma. E pretendo aperfeiçoar cada vez mais meu trabalho, seja em Escola pública ou particular.

Através do Estágio percebi que o aluno também da rede pública de ensino, sendo bem orientado por pessoas qualificadas e comprometidas com educação são capazes de construir conhecimento e uma aprendizagem de uma maneira concreta, tornando-se assim uma pessoa crítica, questionada com capacidade de evoluir dentro da sociedade . E quem sabe no futuro próximo transforma-se em uma sociedade mais digna e igualitária.

“Democracia? É dar, todos, o mesmo ponto de partida.

Quanto ao ponto de chegada, isso depende de cada um”.

(Mário Quitanda)

ANEXOS

**“Felicidade e a certeza de que a nossa
vida não esta se passando inteiramente”.**

(Érico Veríssimo)

ANEXO I

No seguinte quadro a presento os funcionários fundadores do referido estabelecimento do ensino:

NOMES	CARGO
- Raimundo Gadelha	- Diretor Fundador
- Tereza Soares da Silva	- Diretor Adjunto
- Odete Cavalcanti	- Secretária
- Valba Luiz F. de Souza	- Sub-Secretária
- Dione Figueiredo Santos	- Sub-Secretário

PROFESSORES DO 1º GRAU E 2º GRAU

- Creusolita de Almeida	(História)
- Neuza Nunes	(Geografia)
- Gitana F. Silveira	(Moral/Cívica)
- Ivan Imperiano	(Inglês)
- Ediltrides Ferreira	(Trabalho Manuais)
- Rostan Agra	(Português)
- Ivaniida Marques	(Português)
- Donoathy do Rêgo	(Ciências)
- Juracy Palhano	(Matemática)
- José de Souza	(Matemática)

NOMES	CARGOS
- Maria Leal Leite	- Auxiliar de Escrita
- Ivanildo Marques	- Auxiliar de Escrita
- Ivani Barbosa	- Auxiliar de Serviço
- Noberto Cardoso	- Auxiliar de Serviço
- José Luiz	- Auxiliar de Serviço
- José Nero Leal	- Auxiliar de Serviço

II - Para o ano letivo de 1996, o quadro geral funcional da escola é o seguinte:

Nº de Professores	66
Nº de Funcionários	44
Nº de Salas de aulas	16
Nº de Turmas	48

III- O principal problema que encontramos no geral na escolas públicas é o alto índice de evasão e reprodução. Na escola onde realizei o estágio a realidade é a seguinte: ano letivo de 1995.

ALUNOS	NÚMEROS	PERCENTUAL
- Matriculados	2.127	-
- Aprovados	993	48.2%
- Reprovados	646	31.5%
- Desistentes	421	20.3%
- Transferidos	68	-
- TOTAL	2.062	100.0%

A Soma dos alunos reprovados e repetentes superam em 1.070 o número de aprovados, isto é realmente um quadro lamentável o que mostra incapaz de manter os alunos em sala, este resultado deve-se aos descaso geral dos órgãos competentes responsáveis pelas educação , além da má formação de professores e principalmente a falta de incentivos para manter estes alunos na escola.

Este estabelecimento de ensino como tantos outros existentes em nosso estado apresentam seus problemas. Considero como um dos mais graves, a escola não ter empenhado-se para continuar com as conquistas alcançadas no período da Fundação como as Oficinas, Grêmios Estudantis e o Centro de Artes, mas no geral as condições de funcionamento são boas, as salas de aulas são espaçosas, possui boa iluminação, ventilação, um quadro de giz de boa qualidade. Os banheiros dos alunos estão funcionando bem. No estabelecimento encontramos também a sala de professores, nela há uma geladeira, mesa grande, um televisor, um armário e dois banheiros, sala de vídeo, secretária, pátio e auditório conzinha.

* No quadro abaixo descreve com precisão os compartimentos da escola, como também o mobiliário existente.

COMPART/MOBILIÁRIO	QUANTIDADE
Banheiro	04
Sala para Professor	01
Armário	06
Sala p/ Almoxarifado	01
Birô	09
Sala p/ Arquivo	01
Sala de Aula	16
Mimeógrafo	02
Máquina de Escrever	03
Televisão	01
Video Cassete	01

ANEXO II

Escola Estadual de 1^o Graus Ademar V. da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor (A) / Estagiário (A): _____

Aluno (A): _____

Série: 5^a Turma: _____ Turno: Tarde

A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Até 1534 não havia nenhum governo fixo no Brasil, então o rei de Portugal D. João II. percebeu que assim não podia manter o controle sobre sua colônia pois para isso era preciso muito dinheiro, mas Portugal nessa época enfrentava uma crise econômica devido ao declínio do comércio português com Oriente. Por isso, o rei resolveu dividir o Brasil em 15 grandes faixas de terras denominadas de Capitânicas Hereditárias que foram entregues a 12 donatários políticos para o Brasil.

O sistema de capitânicas hereditárias era regulado por dois documentos: a carta de doação e o foral. A carta de doação era o documento na qual o rei concedia uma pesquisa a um donatário e o foral no qual determinava os direitos e deveres dos donatários e os direitos do rei. E entre os direitos incluía-se o direito de sesmarias.

A maior parte das capitânicas hereditárias fracassaram, apenas prosperaram, a de Pernambuco e a de São Vicente: porque seus donatários, com recursos próprios ou com ajuda do rei de Portugal, conseguiram capital suficiente para desenvolver a produção açucareira.

Mas mesmo assim o sistema das Capitânicas não só em 1759 o sistema foi completamente extinto.

Então, seria preciso pensar em outro tipo de governo que centralizasse a administração, ou seja, era necessário que se criasse um Governo Geral para o Brasil, e isto foi realizado em 1548 e dura até a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808.

O primeiro Governador-Geral foi Tomé de Sousa (1549 - 1553) que fundou a 1^a cidade brasileira, Salvador, na qual instalou seu governo. Trouxe também as primeiras cabeças de gado, incentivando assim a

pecuária. O 2º Governador-Geral foi Duarte da Costa (1553 - 1558) em cujo administração fundou o Colégio de São Paulo em Piratininga, originando, depois, a cidade de São Paulo. Além disso, o seu governo foi abalado pela guerra contra os índios que se aliaram aos franceses, que invadiram o Rio de Janeiro, onde fundaram uma colônia chamada França Antártica. O terceiro Governador-Geral foi Mem de Sá (1558 - 1572) que em seu governo expulsou os franceses do Rio de Janeiro, e com a ajuda de seu sobrinho Estico de Sá fundou a cidade São Sebastião do Rio de Janeiro.

Após a morte de Mem de Sá em 1572, Portugal dividiu o Brasil em dois governos: governo do norte e governo do Sul, pois na sua opinião, isso facilitava a ocupação, a administração e a defesa do território brasileiro. Só que com a morte do rei de Portugal em 1580, o rei da Espanha que era seu

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar V. da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor (A) / Estagiária (A): _____

Aluno (A): _____

Série: 5

Turma:

Turno: Tarde

10.07.96

O BRASIL NOS TRINTA PRIMEIROS ANOS

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, verificaram que a terra habitada pelos índios era muito grande, havia muita água e muitas árvores, entretanto, não encontraram nenhum indício da existência de ouro ou prata, o que causou pouco interesse de Portugal em colonizar preço tão alto quanto o das especiarias africanas e orientais que traziam lucros imediatos para Portugal.

Mesmo com seu lucrativo comércio com o Oriente, os portugueses fizeram algumas viagens ao Brasil para explorar o litoral e defender a posse da terra, no qual o pau-brasil foi o primeiro produtos de valor comercial que os portugueses aqui encontraram. Essa madeira tinha uma cor avermelhada que servia para tingir tecidos e também era utilizada na fabricação de móveis e navios. O corte dessas árvores e o seu transporte para os navios eram feitos pelos índios que em troca disso, recebiam dos portugueses roupas coloridas, contas, espelhos, canivetes, facas, etc. Essa troca direta de produto por produto chama-se escambo. Dessa forma, o pau-brasil só podia ser explorado com a autorização do rei de Portugal sendo assim era monopólio dor rei. Portanto, os comerciantes que queriam explorar o pau-brasil, erguiam feitorias

onde guardavam a madeira até que os navios chegassem para buscá-la. Diante dessa situação, haviam povos que não estavam satisfeitos com esse monopólio, como é o caso dos franceses que se achavam também no direito de explorar o pau-brasil, contando com a ajuda de alguns grupos indígenas.

Portanto, durante esses primeiros trinta anos, os portugueses não se interessaram muito pelo Brasil. Mandaram algumas expedições para conhecer a terra, explorar o pau-brasil e combater os estrangeiros. Essas expedições que eram chamadas de guarda-costas, não conseguiram livrar o Brasil da presença francesa e dos demais contrabandistas por duas razões principais: a grande extensão do litoral brasileiro e a ajuda financeira que o rei da França dava aos invasores franceses.

Diante desses problemas e com a esperança de encontrar ouro em terras brasileiras, o rei de Portugal decidiu colonizar o Brasil, isto é, povoar o território brasileiro a fim de melhor explorar suas riquezas, através da expedição colonizadora comandada por Martim Afonso de Sousa em 1530. Aqui chegando, explorou o litoral brasileiro e em 1532 fundou a vila de São Vicente iniciando a colonização que só teria sentido se a colônia oferecesse lucros para Portugal. Portanto, o papel do Brasil seria o de enriquecer a metrópole que passava por uma crise econômica. Com essa intenção, o governo português impôs ao Brasil um sistema de dominação política e econômica, no qual se estabelece o pacto colonial, que significa um compromisso entre a colônia (Brasil) e a sua metrópole (Portugal).

BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Jr, Alfredo. *História do Brasil*. Vol. I. Colônia. São Paulo
F.T.D., 199. 1994

SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. Vol. I. Colônia.
São Paulo: Moderna, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar V. da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor (A) / Estagiário (A): _____

Aluno (A): _____

Série: 5ª Turma: _____ Turno: Tarde

A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Até 1534 não havia nenhum governo fixo no Brasil, então o rei de Portugal D. João II. percebeu que assim não podia manter o controle sobre sua colônia pois para isso era preciso muito dinheiro, mas Portugal nessa época enfrentava uma crise econômica devido ao declínio do comércio português com o Oriente. Por isso, o rei resolveu dividir o Brasil em 15 grandes faixas de terra denominadas de Capitâneas Hereditárias que foram entregues a 12 donatários. Com essa divisão, o governo português criava em 1534 o primeiro sistema político para o Brasil.

O sistema de capitâneas hereditárias era regulamentado por dois documentos: a carta de doação e o foral. A carta de doação era o documento na qual o rei concedia uma capitania a um donatário e o foral no qual determinava os direitos e deveres dos donatários e os direitos do rei. E entre os direitos incluía-se o doação de sesmarias.

A maior parte das capitâneas hereditárias fracassaram, apenas duas prosperaram, a de Pernambuco e a de São Vicente: porque seus donatários,

com recursos próprios ou com ajuda do rei de Portugal, conseguiram capital suficiente para desenvolver a produção açucareira.

Mas mesmo assim o sistema de Capitânicas não só em 1759 o sistema foi completamente extinto.

Então, seria preciso pensar em outro tipo de governo que centralizasse a administração, ou seja, era necessário que se criasse um Governo Geral para o Brasil, e isto foi realizado em 1548 e dura até a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808.

O primeiro Governador-Geral foi Tomé de Sousa (1549-1553) que fundou a 1ª cidade brasileira, Salvador, na qual instalou seu governo. Trouxe também as primeiras cabeças de gado, incentivando assim a pecuária. O 2º Governador-Geral foi Duarte da Costa (1553-1558) em cuja administração fundou o Colégio de São Paulo em Piratininga, originando, depois, a cidade de São Paulo. Além disso, o seu governo foi abalado pela guerra contra os índios que se aliaram aos franceses, que invadiram o Rio de Janeiro, onde fundaram uma colônia chamada França Antártica. O terceiro Governador-Geral foi Men de Sá (1558-1572) que em seu governo expulsou os franceses do Rio de Janeiro, e com a ajuda de seu sobrinho Estácio de Sá fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Após a morte de Men de Sá em 1572, Portugal dividiu o Brasil em dois governos: governo do norte e governo do Sul, pois na sua opinião, isso facilitava a ocupação, a administração e a defesa do território brasileiro. Só que com a morte do rei de Portugal em 1580, o rei da Espanha que era seu

parente ficou sendo também rei de Portugal, podendo também no Brasil, e por isso dividiu o Brasil em dois estados: estado do Maranhão e estado do Brasil.

Mas como estava surgindo vilas e cidades, ficava difícil de controlar a colônia, e seria preciso então pensar em uma forma de controlar e governar essas cidades e vilas. A solução encontrada foram as CÂMARAS MUNICIPAIS que eram instaladas nos municípios mais importantes e defendiam os interesses políticos e econômicos dos grandes senhores de terra.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS Jr, Alfredo. *História do Brasil*. Vol. 1. Colônia
São Paulo: F.T.D.

PILLETE, Nelson e PILETTI, Claudino. *História e Vida Brasil*.
Da Pré-História à Independência. Vol. 1. 4ª Edição
São Paulo: Ática, 1994

SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. Vol. 1. Colônia.
3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Professor (A) Estagiário(A) _____

Série : 5ª Turma : _____ Turno : Tarde Data: 29.05.96.

Nações Indígenas no Brasil

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia milhões de índios espalhados pelas praias, campos e florestas do atual território brasileiro.

Os índios, como os demais povos, passam a infância e adolescência preparando-se para a vida adulta. O nascimento de uma criança indígena é esperado com todo amor e preocupação por todos os seus parentes. Na infância, com sete ou oito anos, os meninos começam as meninas dedicam-se a ajudar a mãe: a cozinhar, tecer e cuidar das crianças menores. Já na adolescência, tanto a menina como o menino iniciam numa participação ativa na vida em grupo. No que diz respeito a maturidade, tanto o homem quanto a mulher tem permissão para constituir família, são responsáveis pelo sustento do grupo e tem o direito de conhecer os seus valores e costumes, ser adultos é também poder ocupar um cargo na aldeia de chefe político ou religioso.

Os índios não compreende nem possuem a propriedade particular da terra nem se preocupa em acumular bens através do trabalho: a terra e tudo que ela produz, pertence a todos e se destina a sustentação das necessidades.

Acredita-se que os índios chegaram ao Brasil há 50 mil anos, vindos da Ásia e Polinésia, navegando de ilha em ilha até cruzar o Pacífico e chegar à costa ocidental da América.

Há quinhentos anos eram aproximadamente cinco milhões; hoje são cerca de duzentos e cinquenta mil, dividido em duzentas nações e falando cento e setenta línguas.

O extermínio das nações indígenas é obra do homem branco. Antes, colonizadores em busca de terras; hoje fazendeiros, garimpeiros e madeiros em busca de terra, madeiras e minérios.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Alfredo Jr. História do Brasil m. Nações Indígenas no Brasil, vol I. B.T.D., SP.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Professor(A) Estagiário (A) : _____

Série. 5º Turma : _____ Turno : Tarde Data: 12.06.96

Em Busca de Novos Caminhos

Antes das grande navegações os europeus conheciam apenas a Europa, norte da África e parte de Ásia, e as terras situadas além desse limites, eles tinham algumas notícias de viajantes.

No começo do século xv os europeus comprovam uma grande quantidade de produto vindos das Índias, só que esse comércio entre o oriente e a Europa, era monopolizado pelas cidades italianas(Gênova e Venesa). Esse monopólio contrariava os interesses econômicos da burguesia e dos reis de vários países europeus. Por tanto só havia uma solução : evitar o mar Mediterrâneo e procurar um outro caminho para as Índias. E isso tornou-se possível com as grandes navegações , na qual Portugal foi o primeiro país a conquistar o Atlântico.

Quando Portugal se lançou à conquista do atlântico do Atlântico, pouca gente sabia que a terra era considerada redonda. E aos poucos , os portugueses foram conquistando o Atlântico com a ajuda do progresso técnico e científico.

E como exemplos importantes desse progresso foram a invenção da caravela e o aperfeiçoamento d bússola.

Acredita-se que os índios chegaram ao Brasil há 50 mil anos, vindos da Ásia e Polinésia, navegando de ilha em ilha até cruzar o pacífico e chegar à costa ocidental da América.

Há quinhentos anos eram aproximadamente cinco milhões; hoje são cerca de duzentos e cinquenta mil, dividido em duzentas nações e falando cento e setenta línguas.

O extermínio das nações indígenas é obra do homem branco. Antes, colonizadores em busca de terras; hoje fazendeiros, garimpeiros e madeireiros em busca de terra, madeiras e minérios.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Alfredo Jr. . História do Brasil in: Nações Indígenas no Brasil, vol I. F.T.D., SP.

Foram técnicas como esta que facilitou os portugueses a iniciar sua expansão marítima, em 1415, com a conquista de Ceuta, cidade situada no norte da África, rica em ouro, marfim, tecidos e especiarias, trazidas pelas caravanas, para serem vendidas aos mercadores italianos. Só que depois de conquistada os caravaneiros passaram a desviar suas rotas para outros centros comerciais, prejudicando os portugueses. Devido a isto, o infante Dom Henrique que fundou a escola de Sagres, reuniu assim, navegadores, astrônomos, geógrafos, cartográficos, matemáticos e tradutores de várias partes da Europa, que tinham o objetivo de aperfeiçoar os mapas, instrumentos de navegações e roteiros de viagem.

Pouco a pouco, os portugueses foram reconhecendo e explorando o litoral africano, e depois de contornarem o extremo sul da África, que foi batizado de cabo de Boa Esperança, chegando à Calicute nas Índias, realizando assim o sonho português de descobrir um novo caminho para o Oriente.

Em 1492, a Espanha deu início a sua expansão marítima, com um navegador italiano Cristóvão Colombo que tinha o objetivo de chegar às Índias, navegando em direção ao ocidente.

Para realizar a viagem, recebeu dos reis espanhóis, dinheiro, suprimentos e três caravelas: Santa Maria, Pinta e Nina. Depois de navegar pelo Atlântico por quase dois meses, ele descobriu um "novo" continente: a América. Sabendo da novidade, os reis espanhóis queriam garantir a posse dessas terras, então, resolveram dividi-las entre Portugal e Espanha através de um documento chamado Bula Inter Coetera, que dividia as "novas" terras por um meridiano localizado a 100 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. Tudo

que ficasse a oeste dessa linha divisória, deveria ser de Portugal. Mas, Portugal não concordou com essa divisão, então exigiu um novo acordo.

Depois de muitas discussões, a Espanha aceitou a exigência feita Portugal e em 1494, assinaram o Tratado de Tordesilhas, no qual a linha divisória deveria passar a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Tudo o que ficasse a oeste dessa linha seria da Espanha e o que ficasse a leste seria de Portugal.

Como a viagem à Calicute foi um desafio ao fabuloso que dera aos portugueses, o rei de Portugal resolveu enviar ao oriente uma poderosa esquadra com objetivo de fundar feitorias e, através delas, exercer um controle sobre o comércio das especiarias orientais. Comandada por D. Pedro Álvares Cabral, a expedição partiu de Lisboa, no dia 9 de março de 1500 e, distanciando-se do litoral Africano, cruzou o oceano Atlântico e no dia 22 de abril, os portugueses avistaram um monte redondo e alto que batizaram de Monte Pascal.

A seguir, desembarcaram em terras habitadas por índios que tomaram posse em nome do rei de Portugal. A primeira missa foi celebrada por frei Henrique Soares Coimbra, no dia 26 de abril, na terra que acabou por se chamar Brasil, devido a enorme quantidade de árvores chamadas de pau-brasil. Cabral depois de ter tomado posse dessas terras, continuou sua viagem para as Índias, mas mandou mensageiros à Portugal para contar ao rei notícias do Brasil.

GLOSSÁRIO

Burguesia - formada pelos comerciantes ricos europeus .

Bússola - Instrumento que auxiliava os navegantes na indicação do rumo a seguir.

Caravelas - embarcação leve e veloz.

Especiarias - produtos que vinham das Índias.

Féitorias - grandes fortalezas com várias armadilhas, onde se faziam o comércio

Légua marítima - medida utilizada na navegação marítima, equivalente a 5.557 m

Monopólio - direitos exclusivos de dominação.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA : HISTÓRIA DO BRASIL

ALUNO (A) : _____

SÉRIE : _____ TURMA : _____

TURNO

: _____

PROFESSOR-ESTAGIÁRIO : _____

PROVA DO 2º BIMESTRE

1) O que foi o sistema de capitanias hereditárias? Por que tinha esse nome ?

2) Elabore uma frase para cada palavra :

- Pau - Brasil

- Caravela

- Colonização

3) Faça uma pequena redenção sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção .

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Velosos da Silveira.

Aluno(a) : _____

Série : _____ Turma : _____ Turma : _____

Faça uma redação sobre “As Grandes Navegações” com suas palavras.

ANEXO III

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
PROF^ª COORDENADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO**

**ALUNA ESTAGIÁRIA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA
PERÍODO: 1996.1**

**PLANO DE ENSINO: 5ª SÉRIE
ANO: 1996**

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Profª: 5ª Turma: "C"

Turno: Tarde

Nº: de alunos: 40

Carga horária: 78 h/aula

Assunto: Plano de Ensino

Ano: 1996

*** Objetivo Geral:**

Compreenderas fases da Pré-história até a independência, ressaltando de forma panorâmica os aspectos sócio-econômico.

1ª UNIDADE

I- Objetivos Específicos;

Compreender as características da vida humana durante a pré-história brasileira;

Explicar as condições de vida dos primeiros habitantes no Brasil;

II- Conteúdo Programático: (38 dias) = 16 h/aula

4 h/aula

12 h/aula

1.0- A Pré-História do Brasil:

a)- Paleolítico

b)- Neolítico

c)- Mesolítico

1.2- Os Índigenas no Brasil Colônia

a)- A organização do povo indígena.

b)- De onde vieram os índios?

c)- A vida comunitária dos índios.

III- Metodologia:

Os procedimentos metodológicos que utilizarei nas aulas proposta, constará de uma pequena introdução que sintetizará o tema, que será explorado em sala de aula. Com a finalidade de motivar o aluno na participação da aula. Como reforço da aprendizagem a aula será expositiva dialogada, conduzindo desta forma ao debate, que servirá para tirar dúvidas. E os recursos didáticos que ajudarão na concretização da aula serão: quadro-de-giz, texto mimeografado, cartazes, roteiro de estudo.

IV- Avaliação

A avaliação será de forma contínua, considerando a participação do aluno nas atividade proposta: interpretação do texto; dinâmica de grupo; argüição oral e escrita.

II UNIDADE

I- Objetivos Específicos:

Identificar os principais objetivos da expansão comercial-marítima europeia, suas etapas e interesses.

Comparar a vida e os transportes na época das grandes navegação com os transportes atuais.

Discorrer sobre os principais fatos ligados à conquista do Brasil.

Comparar a vida dos índios antes e depois da chegada dos portugueses, ressaltando as condições de vida e trabalho desses povos.

II- Conteúdos Programático: (39 dias) = 16 h/aulas
4 h/aulas
12 h/aulas

- 1.0- De onde vieram os portugueses?
- 1.2- Mundo que os europeus conheciam
- 2.0- A expansão europeia
- 2.1- As técnicas e conhecimentos novos
- 3.0- As grandes navegações
- 3.0- O impacto da conquista

III- Metodologia

Os procedimentos metodológico utilizado nesta aula, constará de uma narrativa, procurando despertar o interesse e a compreensão do aluno, para o tema abordado em sala de aula. Utilizarei como reforço desta aprendizagem uma revisão através de uma aula expositiva dialogada, com a finalidade de tirar dúvidas dos alunos. Terei como apoio de reforço os seguintes materiais didáticos: quadro de giz, texto mimeografado, cartazes, mapa mundi.

IV- Avaliação:

A avaliação será contínua, procurando atender as necessidades da aprendizagem do aluno através das seguintes atividades: da dinâmica de grupo ou individual, argüições orais e produção de texto.

III UNIDADE

I- Objetivos Específicos:

Identificar as características do sistema de capitânicas hereditárias; avaliando os resultados desse sistema.

Entender as condições de organização e funcionamento da sociedade colonial; enfatizando os elementos fundamentais.

Destacar a mão-de-obra e o tráfico negreiro no contexto do sistema colonial mercantilismo.

Compreender as lutas pelo domínio do litoral e as suas riquezas.

Explicar a expansão territorial, comparando as lutas pela terra no Brasil colonial com as lutas dos nossos dias.

II- Conteúdo Programático

A implantação do sistema colonial: (52 dias) = 22 h/aulas

4 h/aulas = prova

18 h/aulas = conteúdo

1.0- A organização do poder político

- 1.1- As capitânicas hereditárias
- 2.0- A sociedade colonial
- 2.1- A resistência dos negros: Palmares
- 3.0- A conquista do litoral
- 4.0- A expansão territorial e a fixação de fronteiras

III- Metodologia

A concepção metodológica utilizada será dialogada, procurando atender as expectativas dos alunos sobre o tema proposto para estudo. Com leitura e interpretação de texto.

Como reforço da aprendizagem, utilizarei como recursos didáticos além dos habituais: (quadro de giz, texto mimeografado). Os Slaydes e uma produção de texto organizado em sala de aula pelos alunos. Sem esquecer do roteiro de estudo e de problema de aula.

IV- Avaliação

A avaliação será contínua, procurando atender as necessidades da aprendizagem através das seguintes atividades: interpretação do texto, jogos de memória, produção de texto e uma prova.

IV UNIDADE

I- Objetivos Específicos

Estudar a introdução, organização e desenvolvimento da religião católica no Brasil;

Compreender as revoltas populares do Brasil colonial em seu contexto.

Situar a vinda da família real para o Brasil.

Refletir o contexto político-econômico que conduziu à Independência e as suas limitações, comparando esse processo de Independência com a situação atual do Brasil.

II- Conteúdo Programático: (51 dias) = 24 h/aulas

4 h/aulas = prova

20 h/aulas = conteúdo

- 1.0- A religião católica na Brasil colonial
- 1.2- A época do ouro no Brasil
- 2.0- As lutas pela liberdade
- 2.1- A crise do sistema colonial
- 3.0- A emancipação política
- 3.1- O fim do sistema colonial: um novo Brasil?

III- Metodologia

Será conduzido na aprendizagem o método da narrativa, como de despertar o interesse do aluno pelo tema abordado. Procurando incentivar o aluno a participar da aula, esclarecendo e tirando algumas dúvidas sobre o assunto. E para reforço dessa aprendizagem será utilizado: o quadro de giz, cartazes, roteiro de estudo, e palavras chaves. Sem esquecer da problematização da aula.

IV- Avaliação

A avaliação será contínua, procurando atender as necessidades da aprendizagem do aluno, considerando também a participação do aluno nas atividades de grupo, na interpretação do texto e prova objetiva.

V- Bibliografias Básicas

- 1- AZEVEDO, L. de - História de um povo: sociedade brasileira: pré-colonial/colônia. Vol. 1, São Paulo: FTD, 1988.
- 2- BOULOS, Alfredo Jr. - História do Brasil. Vol. 1, Colônia; FTD.
- 3- COUTRIM, Gilberto - História e Consciência do Brasil: da Conquista à Independência, Vol. 1, 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 1994.
- 4- PILETTI, Nelson - História e Vida - Brasil: da Pré-história à Independência. Vol.1, 7ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

Cronograma

Cronograma de aulas ⇒ 2^a, 5^a feira ⇒ 15:45 13:00

Março = 4, 7, 11, 14, 18, 21, 25, 28 ⇒ 8 aulas

Abril = 1, 4, 8, 11, 15, 18, 22, 25, 29, ⇒ 9 aulas

Maior = 2, 6, 9, 13, 16, 20, 23, 27, 30 ⇒ 9 aulas

Junho = 3, 10, 13, 17, 20, ⇒ 5 aulas

Julho = 4, 8, 11, 15, 18, 22, 25, 29 ⇒ 8 aulas

Agosto = 1, 5, 8, 12, 15, 19, 22, 26, 29 ⇒ 9 aulas

Setembro = 2, 5, 9, 12, 16, 19, 23, 26, 30 ⇒ 9 aulas

Outubro = 3, 7, 10, 14, 17, 21, 24, 28, 31 ⇒ 9 aulas

Novembro = 4, 7, 11, 14, 18, 21, 25, 28 ⇒ 8 aulas

Dezembro = 2, 5, 9, 12 ⇒ 4 aulas

78 aulas

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS
ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
PROFª ESTAGIÁRIA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA
ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª TURMA: "C" TURNO: TARDE
CARGA HORÁRIA: 45 MIN. Nº DE AULAS: 02
DATA: 30/5 À 3/6

ASSUNTO: NAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL COLÔNIA

TÍTULO: OS INDÍGENAS E A COLONIZAÇÃO

PLANO DE AULA

I- Objetivos Específicos

- 1- Identificar as características do mundo indígena: suas semelhanças e diferenças com o mundo branco.
- 2- Conhecer as origens do povo indígena brasileiro.
- 3- Compreender as condições de vida e de trabalho do povo indígena.

II- Conteúdo Programático

- 1- A organização do povo indígena
- 2- De onde vieram os índios?
- 3- A vida comunitária dos índios:
 - a)- Família, terra, arte

III- Metodologia

A concepção metodológica utilizada, será dividida em dois momentos: num primeiro momento será desenvolvida a aprendizagem visual, no qual os alunos serão despertados para a construção do tema de aula, para isso contarei com o auxílio de cartazes. Em seguida, a aula será conduzida de maneira expositiva dialogada com a finalidade, de que os alunos também participem conjuntamente da aula. Além dessas técnicas, para reforçar a aula apresentará como ponto chave de entendimento do assunto proposto, o problema da aula que é fazer com que os alunos reflitam

sob a cultura indígena, fazendo uma comparação com a cultura do homem branco.

Utilizarei também nessa aula, os recursos didáticos; quadro de giz, texto mimeografado, roteiro da aula para que os alunos situem-se nos pontos chave que serão abordados em sala de aula acrescentando também o mapa que ajudará na orientação do aluno.

IV- Avaliação

Para compreender o processo de aprendizagem do aluno será utilizada a avaliação contínua, considerando a participação do aluno, nas atividades escritas e orais, nas dinâmicas de grupo (será em casa ou em sala de aula), além de estudo dirigido e provas escritas.

V- Bibliografia

- 1- BOULOS, Alfredo Jr. - História do Brasil Colônia IN: Noções Indígenas no Brasil. Vol. I, Colonia, FTD. SP
- 2- COTRIM, Gilberto - História e Consciência do Brasil. IN: Os primeiros habitantes, Vol. I, 7ª ed. Saraiva. SP, 1994.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS
ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL
PROFª ESTAGIÁRIA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA
PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO
SÉRIE: 5ª TURMA: "C" TURNO: TARDE
CARGA HORÁRIA: 45 MIN
Nº DE AULAS 3 H/AULA DATA: 13 à 16/06

ASSUNTO:
A EXPANSÃO EUROPÉIA E CONQUISTA DO BRASIL

TÍTULO: EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

PLANO DE AULA

I - Objetivos Específicos

1. Identificar os principais objetivos da expansão. Comercial-marítima européia, suas etapas, seus interesses.
2. Comparar a vida e os transportes na época das grandes navegações com os transportes atuais.
3. Discorrer sobre os principais fatos ligados a conquista do Brasil.
- 4- Comparar a vida dos índios antes e depois da chegada dos portugueses, ressaltando a luta secular dos índios pelo direito de viver como povos singulares.

II- Conteúdos Programáticos

- 1.0- De onde os portugueses vieram?
 - 1.1- O mundo que os europeus conheciam.
- 2.0- A expansão européia.
 - 2.1- As técnicas e conhecimentos novos.
- 3.0- As grandes navegações.
 - 3.1- O impacto da conquista.

III- Metodologia

Os procedimentos metodológicos que será utilizado nesta aula, constará de uma narrativa, no qual pretendo despertar o interesse e a compreensão do aluno para o tema abordado em sala de aula. E como

reforço dessa aprendizagem, será feita uma aula expositiva dialogada, com a finalidade de tirar dúvidas dos alunos através de sua participação, como também usarei como recursos didáticos o quadro de giz, texto mimeografado, cartaz, mapas.

IV- Avaliação

Essa avaliação será de forma contínua, levando em consideração a participação do aluno nas seguintes atividades: estudo dirigido, dinâmica de grupo ou individual, pesquisas, arguições orais e escritas, produção de texto.

V- Bibliografia

- AZEVEDO, L.de - A História de um povo: sociedade brasileira: Pré-colonial/colônia. IN: Os novos bonos da terra dos índios. Vol. I, São Paulo: FTD, 1988.
- BOULOS, Alfredo Jr. - História do Brasil IN: Nações Indígenas no Brasil. Vol. I Colônia, FTD.
- COTRIM, Gilberto - História e Consciência do Brasil: da Conquista a Independência IN: A expansão européia e a conquista do Brasil. Vol.I.Cáp. 2, 7ª ed. São Paulo, Saraiva, 1994.
- PILETTI, Nelson Jr. - História e Vida: Brasil da Pré-história a Independência. IN: A chegada dos Portugueses. Vol. I Cap. 3, 7ª ed. São Paulo. Ática, 1994.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAUS ALDEMAR VELOSO DA SILVA

PROFª ESTAGIÁRIA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CAMARA DONATO

SÉRIE: 5^ª, TURMA: "C", TURNO: TARDE

Nº DE ALUNOS: 40, Nº DE AULAS: 3 HS/AULAS.

ASSUNTO:

O BRASIL NOS TRINTA PRIMEIROS ANOS

TITULO:

"A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA COLONIAL"

PLANO DE AULA

I- Objetivos específicos:

Compreender os principais passos que os portugueses deram para conhecer o espaço brasileiro;

Conhecer as estratégias que os portugueses pensaram para colonizar o Brasil.

II - Conteúdo programático:

1.0- As expedições portuguesas no brasil.

1.2- As capitânicas hereditárias.

2.0- A implantação do sistema colonial.

III- Metodologia

A concepção metodológica será dividida em dois momentos na aprendizagem: no primeiro será aplicada uma aula expositiva dialogada para introduzir o assunto que será abordado. E como reforço dessa aprendizagem será ministrado uma narrativa, procurando atender as expectativas dos alunos, sobre o tema proposto para estudo. Além da utilização do quadro de giz, texto mimeografado, roteiro de estudo e o problema da aula: (identificar os donos do poder local, na época da colonização, relacionando com o Brasil de hoje.

IV- Avaliação

A avaliação será de forma contínua, levando em consideração a dinâmica dos alunos nas atividades proposta em sala de aula: produção de texto, perguntas orais e uma prova objetiva.

V- Bibliografia

- BOULOS, Alfredo Jr. - História do Brasil; Vol I Colônia; São Paulo: FTD, 1994.
- COTRIM, Gilberto - História e Consciência do Brasil. IN: A Implantação do Sistema Colonial. Vol. I, 7ª ed. Saraiva, SP. 1994.
- SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil. Vol. I, Colônia, São Paulo: Moderna, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
PROF^ª COORDENADORA: EURONIDES CÂMARA DONATO
ALUNA ESTAGIÁRIA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA
PERÍODO: 1996.1

PLANO DE ENSINO

ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAU ELPÍDIO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

SÉRIE: 3º CIENTÍFICO TURMA: "F" TURNO: MANHÃ

Nº DE ALUNOS: 46 CARGA HORÁRIA: 74 H/AULAS

PROFESSORA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

ASSUNTO:

PLANO DE CURSO - ANO 1996

Objetivo Geral

Compreender o processo histórico da lenta dissolução do feudalismo até o século XX, com a Segunda Grande Guerra, enfocando de forma panorâmica os aspectos econômicos.

I- Objetivos Específicos

Entender a lenta dissolução do sistema feudal e a preparação do caminho para a implantação do capitalismo;

Analisar a formação e o desenvolvimento do Estado Moderno, caracterizando o absolutismo monárquico;

Analisar a expansão marítima-comercial dos séc. XV-XVI, refletindo a conquista européia sobre as populações nativas da América;

Conceituar o mercantilismo enquanto conjunto de doutrinas e práticas econômicas do capitalismo nascente;

II- Conteúdo Programático

- 1.0- A transição do Feudalismo para o Capitalismo.
- 2.0- A formação das Monarquias Nacionais e o Estado Moderno: Origem e Desenvolvimento.
- 3.0- A expansão Européia e a Conquista da América.
- 4.0- O Mercantilismo e o Sistema Colonial.

III- Metodologia

O procedimento metodológico utilizado nas aulas proposta, constará de uma pequena introdução sintetizando o tema explorado, com a finalidade de motivar os alunos na participação dos debates. Como reforço desta aprendizagem, a aula será conduzida através da narrativa. E os recursos didáticos usados serão: quadro de giz, texto mimeografado, cartazes, mapa, álbum seriado.

IV- Avaliação

A avaliação será de forma contínua, levando em consideração o desenvolvimento do aluno nas atividades propostas: arguições orais e escritas, provas e auto-avaliação.

II UNIDADE

I- Objetivos Específicos

Situar o contexto histórico que condiciona a transição da mentalidade medieval para a mentalidade moderna;

Enfatizar o conjunto de fatores religiosos, sócio-econômicos e políticos que condicionaram o advento da Reforma Protestante.

Compreender o significado histórico da Revolução Industrial.

Inferir a importância das idéias básicas da ideologia iluminista, enfocando as diferentes correntes de pensamento no séc. XIX;

II- Conteúdo Programático

1.0- O Renascimento: A Cultura na Idade Moderna.

1.2- A Reforma Protestante e a Reação Católica.

2.0- A Revolução Industrial.

3.0- O Iluminismo e os Déspotas Esclarecidos: As correntes de pensamento no séc. XIX.

III- Metodologia

O procedimento metodológico utilizado nesta aula constará de uma aula expositiva dialogada e de uma narrativa, com finalidade de despertar o interesse do aluno em sala de aula. Como reforço da aprendizagem serão utilizados os seguintes recursos didáticos: quadro de giz, cartazes, mapa, álbum seriado, poesias e esquema de estudo.

IV- Avaliação

A avaliação será de forma contínua, considerando a participação do aluno no estudo dirigido.

III UNIDADE (52 dias) = 22 h/aulas

I- Objetivos Específicos.

- * Conhecer a atuação imperialista das grandes potências européias em direção à África e Ásia;
- * Refletir os elementos que gerarem a situação conflituosa entre as grandes potências européias;
- * Conhecer a situação social, política e econômica do império Russo até 1917, enfocando as etapas fundamentais do processo revolucionário desde a derrubada do czar até a ascensão de Stalin;
- * Refletir sobre as grandes fases da Segunda Guerra, ressaltando os seus efeitos em termos de uma política internacional, avanço tecnológico, Guerra Fria, desenvolvimento das armas nucleares etc.

II- Conteúdo Programático

- 1.0- A Expansão Imperialista.
- 1.2- A Guerra ocupa tudo: A 1ª Guerra Mundial.
- 2.0- A Revolução Russa.
- 2.1- A Segunda Grande Guerra.

III- Metodologia

A metodologia utilizada constará de uma aula expositiva dialogada, conduzindo uma possível participação do aluno nos debates proposto em sala de aula. Reforçando a aprendizagem será utilizado: quadro de giz, esquema de estudo, texto mimeografado e filme.

IV- Avaliação

A avaliação será contínua, contando com a participação do aluno nos debates e na atividade de escrita.

IV UNIDADE = (57 dias) = 24 h/aulas

I- Objetivos Específicos

- * Entender o processo de Reconstrução Européia;
- * Refletir linhas básicas do processo de descolonização afro-asiática do pós-guerra;
- * Identificar o abismo da desigualdade que separa os povos ricos e os povos pobres do mundo atual;
- * Avaliar a influência planetária dos Estados unidos no mundo contemporâneo;
- * Entender de forma analítica, os principais acontecimentos históricos da URSS, da reconstrução do pós-guerra até o fim do Império Soviético;

II- Conteúdo Programático

- 1.0- Reconstrução da Europa: Guerra Fria.
- 1.2- A Descolonização e os conflitos regionais
- 2.0- Os países capitalistas centrais
- 2.1- A crise do socialismo e as recentes transformações.

III- Metodologia

A metodologia utilizada será uma narrativa com a finalidade de despertar o interesse do aluno para o estudo do tema proposto em sala de aula. Para reforçar essa aprendizagem usarei como recursos didáticos: quadro de giz, mapa, texto mimeografado, roteiro de estudo, filmes.

IV- Avaliação

A avaliação será contínua, levando em consideração o desempenho do aluno nas atividades proposta: Interpretação do texto através dos debates e comentários dos filmes.

V- Bibliografia

- AQUINO, Rubim Santos Leão de - História das Sociedades: Modernas e as atuais. 21ª ed. Rev. e Atualizada. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1998.
- COTRIM, Gilberto e outros - História Geral: Para uma geração consciente moderna e contemporânea. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1989.
- PILETTI, Nelson e outro. Toda a História: História Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1994.
- SWEERY, Paul e outros. A transição do Feudalismo para o Capitalismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977 (Coleção pensamento crítico, 18).

Filmes:

- * Giordano Bruno
- * Tempos Modernos
- * Outubro (1927)

Cronograma

Dias de aula : Quinta Feira

Março	=	8 aulas
Abril	=	8 aulas
Maio	=	8 aulas
Junho	=	6 aulas
Julho	=	8 aulas
Agosto	=	8 aulas
Setembro	=	8 aulas
Outubro	=	8 aulas
Novembro	=	8 aulas
Dezembro	=	8 aulas

Total: 74 h/aulas

ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAUS ELPÍDIO DE ALMEIDA

PROFª ESTAGIÁRIA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA
PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 3º CIENTÍFICO TURMA: "F" TURNO: MANHÃ
Nº DE ALUNOS: 46 ALUNOS Nº DE AULAS: 4 H/AULAS

ASSUNTO:

A REFORMA E A CONTRA REFORMA

TÍTULO:

O PROGRESSO ECONÔMICO ABALA TAMBÉM A FORÇA DA IGREJA

PLANO DE AULA

I- Objetivos Específicos

- * Situar o contexto histórico que condicionou a transição da mentalidade medieval para mentalidade moderna.
- * Analisar as iniciativas da Reforma protestante e da Contra Reforma.
- * Refletir o papel da religião na vida individual e na vida das comunidades, relacionado com as diferentes religiões de hoje.

II- Conteúdo Programático:

- * As mudanças ocorridas durante o século XVI.
- * A autoridade do Papa é contestada.
- * Os fatores condicionantes da Reforma.
- * O início da Reforma: Lutero.
- * A Reforma de Calvino.
- * A Reforma Anglicana.
- * A Contra-Reforma.

III- Metodologia

O processo de aprendizagem se caracteriza em duas etapas: a visual com cartazes, álbum seriado, no segundo momento da exposição dialogada, cujo tentarei atender as perspectivas dos alunos e do objetivo da

aula: Fazer um parâmetro entre os conflitos religiosos do século XVI, com as diferentes religiões dos dias atuais.

Como reforço dessa aprendizagem utilizarei além dos materiais didáticos à cima já citados; o quadro de giz, texto mimeografado, mapa, poema. E também farei para concluir o assunto uma revisão, através da narrativa.

IV- Avaliação

A avaliação procederá da seguinte maneira: de forma contínua através das atividades proposta em sala de aula: debates e interpretação do texto e um estudo dirigido.

V- Bibliografia

- AQUINO, Rubim Santos Leão de - História das Sociedades: Modernas as atuais. 21^a ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- COTRIM, Gilberto e outros - História Geral: Para uma Geração Consciente Moderna e Contemporânea. 8^a ed. São Paulo: Saraiva, 1989.

ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAU ELPÍDIO DE ALMEIDA
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL
PROFª ESTAGIÁRIA: VALÉRIA VILMA F. DE ALMEIDA
PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO
SÉRIE: 3º CIENTÍFICO TURMA: "F" TURNO: MANHÃ
Nº DE ALUNOS: 46 Nº DE AULAS: 2 H/AULAS
ASSUNTO: "A REFORMA INDUSTRIAL"

TÍTULO: AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS

PLANO DE AULA

I- Objetivos Específicos

- * Compreender o significado histórico da Revolução Industrial;
- * Identificar as principais etapas do crescimento da produção econômica: (artesanal, manufatureira e mecanizada);
- * Analisar os fatores condicionantes o pioneirismo industriais inglês;
- * Refletir sobre as mudanças sociais inserida no contexto da Revolução Industrial.

II- Conteúdo Programático

- * As condições da Revolução Industrial;
- * Um novo modo de produção;
- * A Revolução Industrial Inglesa;
- * As novas relações sociais.

III- Metodologia

A disciplina será ministrada através da narrativa, procurando atender as perspectivas dos alunos sobre a terra abordado. Como reforço será usado: cartazes, quadro de giz, texto mimeografado, roteiro de estudo e um "filme".

IV- Avaliação

Os alunos serão avaliados de forma contínua através da seguinte atividade: Interpretação do texto e resumo do filme.

Bibliografia

- 1- Fazenda, Juani Catarina Araude. [et. al.]. A prática e o Estágio Supervisionado, 2^a col. Campinas, SP: Papirus, 1994 - Coleção Magistério, Formação e Trabalho pedagógico.
- 2- NAGLE, Jorge. - A Reforma e o Ensino. 2 ed. São Paulo, EDART; Brasília, INL, 1976.
- 3- RODRIGUES, Neidson: Da mistificação da Escola à Escola Necessária, 6^a ed. São Paulo. Cortéz, 199. (Coleção Polemicas dos nossos tempos; 24).
- 4- WEREBE, Mário José Garcia, 30 anos depois: Grandezas e Misérias do Ensino no Brasil, parágrafo, 1^a, p. 57.

ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAU DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA
DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

ALUNO: _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: _____

PROFº ESTAGIÁRIO: _____

“A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL”

A Revolução Industrial teve início na segunda metade do séc. XVIII na Inglaterra, ocasionado por um conjunto de transformações econômicas, tecnológicas e sociais, que fortaleceu a transição do feudalismo para o capitalismo. Porém existe duas visões diferenciada sobre a Revolução Industrial. A primeira visão relaciona com uma Causas. Enquanto que a segunda visão relaciona com uma Ruptura que licitava nas estruturas sócio-econômicas. Ruptura esta iniciada com o desenvolvimento agrícola ocorrida a partir do séc. XVI, com os cercamentos dos campos comunais (enclousures), através da expulsão dos camponeses de suas terras, para dar lugar à criação de ovelhas. Acarretando na imigração desses camponeses para as áreas urbana, concentrando-se nas periferias, onde ficavam à disposição dos empresários e as condições sub-humanas de vida.

Outro aspecto se deu através da evolução da produção industrial na qual a transformação de matérias primas em produtos acabados pode ser dividida em três etapas fundamentais: O artesanato (forma de produção típica de período medieval, em que todas as tarefas da produção eram feitas pela mesma pessoa, o artesão). A manufatura (uma forma de produção mais ampla e diversificada, pois o trabalho não é mais responsável por todas etapas da produção). A maquinofatura (é a forma mais elaborada de produção industrial, pois substitui várias ferramentas e uma grande quantidade de operários.).

Dentre as precondições da Revolução Industrial podemos destacar como mais importante, a acumulação de capitania e a liberação da mão-de-obra, já que o capital e o trabalho são dois aspectos fundamentais do sistema capitalista. Uma vez que, o capital permite a compra das matérias primas, das máquinas e do trabalho para a produção capitalista, pois a massa de trabalhadores que não mais tem os seus instrumentos de trabalho e por isso, para sobreviver, é obrigado vender sua força de trabalho. Desta forma o capitalismo industrial comprova a força de obter os maiores lucros, procuravam manter o salário a um nível mínimo, enquanto explorava

o máximo os trabalhadores. Devido aos baixos salários, milhares de trabalhadores não conseguiam assegurar a alimentação de suas famílias e para sobreviver mulheres e crianças de até seis anos de idade, também eram obrigados a trabalhar, em busca de alguma remuneração.

Portanto, em sentido restrito, a Revolução Industrial representou o processo de mecanização das indústrias, ocorrido inicialmente na Inglaterra em fins do séc. XVIII e, posteriormente em outros países.

E a partir da máquina a vapor, houve uma revolução industrial que em sua evolução, compreendeu várias fases. Enfim, a Revolução Industrial em termos globais representou a concretização do sistema capitalista, na medida em que alterou o dia-a-dia dos homens, a sua forma de vida.

Bibliografia

- AQUINO, Rubin Santos Leão de. - História das Sociedades Modernas às atuais. 21ª ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.
- COTRIM, Gilberto e outros - História Geral: para uma geração Consciente e Moderna & Contemporânea . 8ª ed. São Paulo: Sar/1989.
- PIZZINATO, Alan Luiz e SENISE, Maria Helena V. - História Moderna e Contemporânea. São Paulo: Ática, 1992.

ESCOLA ESTADUAL DE 2ª DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

PROFESSOR(A) ESTAGIÁRIO(A): _____

ALUNO:

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: _____ DATA: ____ / ____ / ____

“A REFORMA PROTESTANTE”

Juntamente com a mudança da mentalidade decorrente do Renascimento Intelectual e Artístico, as questões religiosas passaram a inquietar os espíritos cristãos da Europa, que até o final da Idade Média, permaneceram unidos em torno da autoridade papal. E foi no início da Idade Moderna que explodiu as graves críticas à Igreja Católica Romana, através da Reforma Religiosa que fez parte de um conjunto de transformações sócio-econômicas e políticas que vinham ocorrendo na Europa Ocidental, uma vez que, o progresso comercial e urbano criou uma nova realidade econômica, em que a Igreja ao condenar os juros e os lucros, impediam o avanço do processo de acumulação de capital. No plano político, as monarquias nacionais interessavam-se em controlar a Igreja, com o objetivo de lhe confiscar os bens.

No início do séc. XVI, a região onde é hoje a Alemanha fazia parte do Sacro Império Romano-Germanico e era formado por um conjunto de principados e cidade livres e não havendo uma monarquia nacional forte, era incapaz de se opor a Igreja e impedir seus abusos econômicos, como compra e venda de cargos eclesiásticos, e a venda de indulgências.

E foi nessa região, politicamente dividida e economicamente explorada pela igreja, que as críticas feitas por Martim Lutero tiveram repercussão, pois reagindo a essa situação escândalos manifestou publicamente o seu protesto, e em 1517, afixou na porta da Igreja de Wittenberg suas noventa e cinco teses, como proposições contrárias principalmente à verdadeiras indulgências.

A disputa entre Lutero e o Vaticano prolongou-se até 1520, quando o papa Leão X rejeitou as críticas feitas por Lutero, exigindo que ele fosse à Roma se retratar. Além de não voltar atrás nas suas posições, Lutero intensificou seus ataques à igreja católica e por isso foi condenado pela bula papal Exsurge Domine. Excomungado pelo papa, mais apoiada pela

nobreza, as idéias luteranas foi aos poucos sendo difundidas, por outras regiões da Europa. O princípio básico da religião luterana era a salvação pela fé. O homem decaído em razão do pecado criminal, só poderia ser salvo pelos méritos merecidos únicos de Cristo. E por entender que a Igreja romana aboliu todos, exceto três: o batismo, a comunhão e a penitência. Aboliu também o culto dos santos e a adoração das imagens todos os cristãos examinar livremente a Bíblia.

Em algumas religiões da Europa a doutrina Luterana foi difundida e reformulada por alguns de seus seguidores como é o caso de João Calvino que começou a pregar na França, pois havia ali numerosos adeptos de uma reforma dentro da igreja, mas acusado de heresia teve de abandonar a capital francesa, acabando por se fixar em Genebra onde difundiu suas ideias, pois ganhou o apoio das autoridades, passando a ser chefe religioso e político da cidade, impondo a todos os seus habitantes uma rígida disciplina moral e religiosa, uma vez que a base de sua doutrina era a predestinação absoluta, que ia de encontro com as aspirações da burguesia.

A Inglaterra, no início do século XVI passava pelo fortalecimento do poder real, com o crescimento do comércio e o aumento da influência da burguesia mercantil. Também havia no país a insatisfação com relação à igreja católica, que explorava o trabalho servil, cobrava impostos da população e enviava a parte do dinheiro para Roma.

Foi nesse contexto histórico que o rei Henrique VIII, rompeu com a Inglaterra após a recusa a seu pedido de divórcio. Para esse rompimento contou com o apoio da nobreza e da burguesia comercial, pressionando o parlamento inglês para aprovar essas leis que aumentava seu poder sobre a igreja católica.

Em 1534 foi aprovado o Ato de Supremacia, o que o reconhecia como o único chefe da igreja da Inglaterra, batizando-a com o nome de igreja Anglicana.

O anglicanismo tomou aspecto de religião nacional embora não tenha se expandido como as outras doutrinas devido seu caráter político que era sua base principal.

Com tendências diversas, o anabatista foi um movimento destituído de unidade e cujas primeiras manifestações ocorreram na Alemanha e na Suíça, posteriormente espalhando-se por outras regiões. Os anabatistas tinham em comum a necessidade de rebatizar os indivíduos, de

viver com simplicidade, de estabelecer a igualdade absoluta entre os homens.

A CONTRA REFORMA

Diante do avanço das idéias protestante, ganhou dentro do catolicismo, a Contra-Reforma, movimento amplo de moralização do clero e da reorganização das estruturas políticas da igreja que não podia ficar alheia ao movimento reformista. As primeiras manifestações desse movimento ocorreram em várias regiões da Europa, muitas vezes acarretando perseguições e condenações dos protestantes através de algumas medidas:

- * Aprovação da Ordem dos Jesuítas, -fundada em 1534 por Inácio de Loyola, e ficavam-se a combater as heresias e o protestantismo, catequizando os povos catolicismo.
- * Convocação do Concílio de Trento - resultou numa Igreja reformada e modernizada, reforçou-se a autonomia do papa e manteve todos os dogmas do catolicismo.
- * Restabelecimento da Inquisição - Instituição medieval destinada a fazer averiguações sobre heresias, bem como reprimi-las, foi revigorada pelo papa Paulo III, era um tribunal eclesiástico com jurisdição unicamente sobre os católicos.

Dessa forma, a Reforma acarretou na cisão da cristandade, devida em católicos, calvinoistas, luteranos e inúmeras seitas rivais, sendo um dos pontos comuns aos protestantes a rejeição da autoridade pontifical.

Bibliografia

- BOULOS, Alfredo Jr - História Geral : Moderna e Contemporânea
Vol. II. São Paulo: FTD, 1995.

“Entrevista com o Diretor da Prata”

Como não nos foi possível ter acesso a informações precisas à cerca da Historicidade do Colégio Estadual da Prata, devido as burocracias da própria direção já citada. Então fizemos uma entrevista com um dos Diretores, Claudionor de Albuquerque Farias, para que tivéssemos um conhecimento, sobre a história da fundação da mesma. Agora vejamos como tudo começou:

Ent. - A data da fundação da Escola?

Dir. - A Escola foi fundada no dia 31 de janeiro de 1953, naquela época havia uma necessidade de construir uma escola de grande porte em Campina Grande, já que nos bairros, não existiam escolas, e para absorver os alunos não tinham condições de pagar uma escola particular. Esse foi o objetivo naquela época.

Ent. - A escola já surgiu com esse nome?

Dir. - Não, essa mudança foi feita de 1976. Ele surgiu com o nome Colégio Estadual de Campina Grande, como estava situado na Prata, passou a se chamar depois, colégio Estadual da Prata, mas esse nome nunca foi oficial.

Ent. - Aqui também é conhecido como “GIGANTÃO”?

Dir. - É, Gigantão.

Ent. - O que levou a homenagear o Dr. Elpídio de Almeida?

Dir. - Na época por ter sido um prefeito de Campina Grande e uma pessoa de certa importância política para cidade, então mudou-se o nome de Colégio Estadual de Campina Grande, para Escola Estadual de 2º Grau Dr. Elpídio de Almeida, em sua homenagem.

Ent. - Nesse período a escola teve reformas?

Dir. - A única reforma que foi feita nesse período foi a construção de uma área para recreio que não existia, e nessa área de recreio foi colocada uma cantina e mais salas: uma servia para o grêmio estudantil do colégio, e a

outra para guardar material como “espécie de depósito” e dois banheiros. Essa área.

Ent. - Sobre a situação atual da escola? Quantos alunos estão matriculados? Há evasão de alunos?

Dir.- Por incrível que pareça quando nós assumimos a direção em 1993, a evasão da escola era muito alta, era em torno de 23% a 25%, e nós fizemos algumas modificações na parte curricular da escola como também na parte de avaliação. A avaliação do Estadual da Prata, hoje é diferente de todas as escolas da rede estadual da Paraíba, mais ou menos com isto, nós conseguimos diminuir o índice de evasão desse percentual que eu falei, para o valor entre 6% a 10% e está sendo detectado no turno da noite, manhã e tarde não tem evasão. A aprovação está tendo um êxito excelente por conta da modificação do sistema da avaliação.

Ent. - E como está sendo feita essa avaliação?

Dir. -Ela é um pouco complicada, o sistema de avaliação, aqui o sistema atual de Estado, você tem que fazer provas de recuperação para alunos que tiram abaixo de 5,0 (cinco), sempre que você tem um bimestre, ou seja, a cada bimestre você pode chegar a fazer até 3.4 avaliações de recuperação, quando os alunos tiram abaixo de 5,0 (cinco). Então o nosso sistema é diferente, a média passou para 7,0 só faz recuperação o aluno que tira abaixo de 7,0 (sete); e as recuperações são feitas semestralmente, com o conteúdo do semestre, então os alunos estão se preocupando em estudar com medo de na recuperação não conseguir uma nota maior do que a que tirou no bimestre, então, melhorou muito, muito mesmo... o índice de aprovação. E conseguimos no vestibular de 1995, colocar 70% dos nas universidades Federal e Estadual.

Ent. - E o número de professores e servidores?

Dir. - Nós temos 99 servidores e 122 professores, numa faixa de 2.700 alunos, hoje, nós estamos recebendo quase que diariamente, alunos vindos de escolas particulares. É... por conta de um trabalho que está sendo feito na escola para resgatar o nome do Estadual da Prata, o “nome de Gigantão” que sempre, o vulto da educação do Estado da Paraíba e estava entregue às pessoas que não tem o compromisso com a educação, nós assumimos com esse compromisso de melhorar o Estadual da Prata que eu também já fui aluno, professor e hoje diretor; mas amanhã posso voltar a lecionar novamente. E não quero deixar “cair a peteca”; essa peteca da educação que

a gente segurou e com certeza tá lendo êxito. Hoje, os alunos do Estado da Prata hoje, a atual isenção da taxa do vestibular no nível Estadual e Federal conseguimos todas duas. Isso partiu daqui, nunca partiu de nenhum político. A não ser a ajuda do Deputado Vital do Rego Filho, na época, não tem a ver agora entramos na justiça contra o estadual no ano passado, ganhamos e apartir daí liberaram porque viram que iam perder todos os anos. O objetivo nosso aqui é o aluno. Temos todo o sistema de trabalho diferente dos outros estados, porque o Estado não ajuda em nada, a gente tem que se virar, pra melhorar a escola.

Ent. - A infra-estrutura da Escola como funciona?

Dir. - Nós temos aqui uma biblioteca não muito boa, por conta do Estado não ter oferecido livros mais atuais para que os alunos pesquisem, mas nós temos aqui ma sala de computação com 7 computadores, temos 2 Tvs (20 polegadas) que vão para sala de aula, com vídeo, no qual as fitas poder ser locada pelo professor ou pela própria turma. Futuramente vamos colocar antena parabólica, um ponto da antena, em cada sala de aula. Temos também um aparelho de fax que a Secretaria de Educação toda só tem um. Além disso, oferecemos o ginásio que estamos reformando agora. E na medida, a gente vai devagar com pouca ajuda ou quase nenhuma ajuda do Governo Estadual.

Ent. - Com relação ao projeto que está oferecido houve uma seleção. A escola concorreu para esse projeto?

Dir. - Hoje a Prata faz parte do projeto CEPES (Centro de Educação Solidária) e em toda Paraíba, já sete escola. Quatro na capital e três em Campina Grande. Então a escola do Estadual como o do Liceu em João Pessoa a maior escola é Liceu, já em Campina Grande, é a Prata: E foram incluído também nesse projeto as escolas mais próximas do Liceu e 2 próximas aqui ao Estadual da Prata que no caso seriam: o Colégio Nossa Senhora do Rosário e o Monte Carmelo. Situado no Bairro da Bela Vista.

A vantagem que tem esses projetos é que o professor passa a ter um salário bem melhor do que o atual, isto é um aumento em seu salário em torno de 30%.

Teremos cursos para professores, acredito que nas férias nos meses de janeiro/fevereiro pode haver uma melhor acompanhamento professor com relação ao aluno; então vai haver uma reciclagem, uma renovação no conteúdo programáticos. Além de cursos Gerais que abrange

todos os professores e depois específico de acordo com a disciplina de cada professor.

Ent.- Esses cursos que você vai oferecer? A universidade, por exemplo tem alguma coisa com isso? Há uma integração entre universidade e as Escolas?

Dir. - Esses cursos que serão ministrados para os professores que faz a seleção é a Secretaria de Educação. Eles vão às Universidades Federal e Estadual, requisitar professor específicos, pessoas capacitadas naquela área do curso, para vir ministrar os cursos.

Ent. - O número de alunos matriculados atualmente?

Dir. - Atualmente temos 2.700 alunos matriculados. Oferecemos cursinho aos sábados, estamos tentando uma liberação por parte do Governo para financiar um pagamento extra de R\$ 100,00 (cem reais), para cada professor que hoje está com mil alunos, só aos sábados.

Só da rede particular. Temos 265 alunos estudando e o restante da rede pública. Então 1/3 dos alunos corresponde a rede particular de ensino.

Etn. - Esses mil alunos é dividido em turmas?

Dir. - Eles são divididos por área: a área 1 equivale a área tecnológica, são duas turmas, na área 2 que é a saúde, temos quatro turmas. Essas turmas com 60 alunos cada. Na área 3 com mais 400 alunos é a área mais procurada, é tanto que essas áreas são ministradas no auditório.

Etn. - Quem ministra as aulas são professores da Escola?

dir. - Veja bem a gente não tem condições de contratar. mandamos um projeto para a Secretaria da Educação no mês de junho e até agora não obtivemos resposta. Mas mesmo assim as aulas estão sendo oferecidas, porque não queremos que o aluno seja prejudicado.

Então os professores que participam do cursinho são amigos, ex-professores daqui, como prof. Celso e Ribamar, que se prontificaram, sem cobrar nada do Estado, além de professores do colégio, professores dos cursinhos, alunos concluintes da Universidade Federal e Estadual. Com isso foi organizado um grupo, hoje nós temos na faixa 16 professores, dois de cada disciplina: geografia, história, física, química, biologia.

Lista de presença dos alunos da 5ª Série "C"

NOME DO ALUNO:

- 01- Adriano de Souza Freire
- 02- Alisson Cordeiro Mendes
- 03- Ana Carlina M. Silva
- 04- Ana Cleide M. do Nascimento
- 05- Andrezza Alves Dias
- 06- Cristiane P. Anacleto
- 07- Daniela do Carmo Roberto
- 08- Eder da Silva Santos
- 09- Eduardo Gregório Barbosa
- 10- Eduardo de Moraes Souza
- 11- Elisabete Katiana de Lima
- 12- Emanuelle Pereira Crismino
- 13- Fábio Silva Brito
- 14- Francisco das Chagas
- 15- Francimary de Lima Silva
- 16- Gerlaine Lopes do Nascimento
- 17- Idalina Nunes Gabriel
- 18- Jailson Chaves da Silva
- 19- Jônatas da Silva Messis
- 20- Jane Kelly Rodrigues de Araújo
- 21- João Paulo Pereira da Silva
- 22- José Carlos Costa da Silva
- 23- Leandra Alves de Souza
- 24- Marcelino Feliz dos Santos
- 25- Maria Alves de Souza
- 28- Mariza Angela de Souza
- 29- Mikson Virgínio da Silva
- 30- Rafael Justino
- 31- Robson Ferreira
- 32- Saulo Silva Borges
- 33- Severino Fábio Silva
- 34- Simone dos Santos
- 35- Susana Maria de Sousa
- 36- Vanusa Né da Silva
- 37- Vasco Ramalho
- 38- Wanderley de Sales
- 39- Wanderlânia dias da Silva
- 40- Emerson Silva
- 41- Wiliian Carvalho

Hino Ao Colégio Estadual de Bodocongó
Letra e Música de Miriam Xavier - 1972

ESTRIBILHO

ESTADUAL DE BODOCONGÓ
FONTE INESGOTÁVEL DO SABER
ENSINA A JUVENTUDE VARONIL
A AMAR COM FERVOR NOSSO BRASIL

NUM BAIRRO DISTANTE DA CIDADE
UMA LUZ ESTÁ ACESA ETERNAMENTE
ÉS TU ILUMINADA MOCIDADE
AJUDANDO O BRASIL IR PARA FRENTE

O ALUNO É POR TI ORIENTADO
A CUMPRIR OS DEVERES FIELMENTE
COMO LEMA TERÁ SEMPRE EM SUA MENTE
ELEVAR BEM ALTO O NOSSO ESTADO

DA CULTURA ÉS TU UM MENSAGEIRO
SEMEANDO UM GLORIOSO POR VIR
ÉS AUGUSTO, ÉS GIGANTE GUERREIRO
PROCURANDO A CAMPINA SERVIR

SENTIMOS EM TI NOSSA VITÓRIA
AVANTE JUVENTUDE, SEMPRE AVANTE
TEU NOME HÁ DE FICAR EM NOSSA HISTÓRIA
HONRANDO NOSSA PÁTRIA MAIS GIGANTE.